



Convergência

MAIO 2016
ANO LI • Nº 491

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. Costa e Ana Cecília Mari
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Sergio Ceron

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Cristo traz misericórdia e paz ao mundo 301

Mensagem do Papa

Papa: “um oceano de misericórdia
que inunda o nosso mundo” 304

Rosto misericordioso do Pai

O rosto da misericórdia de Deus
em rostos marcados pelo preconceito
IRMÃ MANUELA RODRÍGUEZ PIÑERES 307

Biografia dos mártires

Pe. Rodolfo Lunkenbein:
uma vida pelos índios
de Mato Grosso 311

Informe

Vaticano apresenta documento “Identidade e missão
do religioso irmão na Igreja” 314

Artigos

Magnificat: exultação na misericórdia de Deus
MOACIR CASAGRANDE 317

Falar de Deus no mundo do trabalho.
Encruzilhada entre fé e vida
DEBORA DAMIOLINI 327

Testemunhas da ação do Espírito.
Acompanhamento Espiritual e Vida Consagrada
ALFREDO SAMPAIO COSTA 344

Cristo traz misericórdia e paz ao mundo

O Papa Francisco, na Missa da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e do XLIX Dia Mundial da Paz, celebrada na Basílica Vaticana, sexta-feira, 1º de janeiro de 2016, pede à Mãe: “mostrai-nos o rosto do vosso Filho Jesus, que dá ao mundo inteiro misericórdia e paz”. Citando Santo Agostinho, o Papa expressa: “Cheia de fé, concebestes Jesus, primeiro no coração e depois no seio, para vos tornardes Mãe de todos os crentes”.

Ir. Manuela R. Piñeres traz o relato do rosto misericordioso do Pai em rostos marcados pelo preconceito. Ela relata sua trajetória de mais de vinte e cinco anos seguindo Jesus Redentor, de mãos dadas com mulheres empobrecidas em situação de prostituição ou traficadas para fins de exploração sexual. Escreve: “desejo compartilhar com vocês leitores/as essa rica e bela experiência de ser e sermos não somente rosto da misericórdia de Deus, mas também corpo que expressa essa profunda experiência de ‘Rahamim’, que é um dos sentidos bíblicos: o Deus que se assemelha, a partir do mais íntimo da pessoa humana e do seu corpo, às vísceras maternas, sinônimo de útero, seio de uma mulher que gera vida, vida física e Vida na amplitude da palavra. A misericórdia é então uma experiência visceral que, em mim, permitiu *tocar e deixar-me tocar* pela realidade desse grupo de mulheres, chegando a comover minhas próprias entranhas. Assim como gerar Vida no meio das esterilidades de nosso mundo que nos desafia com a quase ‘naturalização da morte’”.

Na seção Biografia dos Mártires, apresentamos “Pe. Rodolfo Lunkenbein: uma vida pelos índios de Mato Grosso”. Pe. Rodolfo morreu defendendo a causa dos índios Bororo.

O seu testemunho mostra que também hoje o missionário deve estar disposto a sacrificar a própria vida. “O martírio cristão não é um acontecimento repentino, imprevisto. É antes de tudo uma graça de Deus. É também o coroamento de uma vida de muito amor e compromisso com o Reino de Deus, no seguimento do Mártir Divino.”

A seção Informe fala sobre o documento “Identidade e missão do religioso irmão na Igreja”. O cardeal Braz de Aviz garantiu que este documento destaca a grande riqueza e atualidade da vocação dos irmãos. O seu conteúdo – destacou – pareceu-nos muito válido e inovador à luz do Concílio Vaticano II.

Frei Moacir Casagrande inicia a seção Artigos com o texto “*Magnificat*: exultação na misericórdia de Deus”. Esclarece o autor: “Celebrando o jubileu extraordinário da misericórdia, pretendo aprofundar a misericórdia no *Magnificat*, o Cântico de Maria. Nesta oração que a Vida Religiosa Consagrada recita diariamente, deparamo-nos com a excelência da misericórdia de Deus na história, experimentada e cantada por aquela que totalmente acolheu e totalmente se deu à graça que recebeu, entendendo em si mesma que não se tratava apenas de um bem pessoal, mas da salvação de toda a humanidade, de toda a criação”.

Debora Damiolini reflete sobre o trabalho com o texto “Falar de Deus no mundo do trabalho: encruzilhada entre fé e vida”. Expressa a autora: “Todos os dias, antes de uma nova jornada de trabalho, me pergunto: como falar de Deus em meu ambiente de trabalho? Como ser evangelizadora desse grupo de irmãos a quem o amor de Deus deve ser anunciado? Este artigo propõe algumas reflexões sobre este tema, baseadas em minha experiência de irmã operária”.

No artigo “Testemunhas da ação do Espírito: acompanhamento espiritual e Vida Consagrada”, Pe. Alfredo Sampaio Costa desenvolve estes pontos: “Num *primeiro ponto*, tratamos de em que consiste o AE, apontando quais as dinâmicas da vida espiritual que devem ocupar a nossa atenção como acompanhantes. *Em seguida* refletimos sobre as dificuldades que encontramos hoje no AE devido a imagens

já superadas da VR que continuam presentes e atuantes em muitos consagrados(as). Tentamos chegar assim a identificar a verdadeira essência da VR numa sociedade pós-moderna. No *último ponto*, recolhemos algumas exortações e provocações do nosso querido Papa Francisco neste Ano da Vida Consagrada, que são importantes ter em consideração para levar a cabo esse serviço hoje. Na *conclusão* confirmamos nossa convicção da enorme importância que o AE tem para a revitalização da VR hoje”.

Ir. Lauro Daros, marista

Papa: “um oceano de misericórdia que inunda o nosso mundo”

Apresentamos a homilia do Papa Francisco na Missa da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e do XLIX Dia Mundial da Paz, celebrada na Basílica Vaticana, sexta-feira, 1o de janeiro de 2016.

Ouvimos as palavras do apóstolo Paulo: “Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher” (Gl 4,4).

Que significa Jesus nasceu na “plenitude do tempo”? Se o nosso olhar se fixa no momento histórico, podemos imediatamente ficar decepcionados. Sobre grande parte do mundo conhecido de então dominava Roma, com o seu poderio militar. O imperador Augusto chegara ao poder depois de ter combatido cinco guerras civis. Também Israel fora conquistado pelo Império Romano, e o povo eleito estava privado da liberdade. Por conseguinte, aquele não era certamente o tempo melhor para os contemporâneos de Jesus. Portanto, se quisermos definir o clímax do tempo, não é para a esfera geopolítica que devemos olhar.

É necessária uma interpretação diferente, que entenda a plenitude a partir de Deus. No momento em que Deus estabelece ter chegado a hora de cumprir a promessa feita, realiza-se então, para a humanidade, a plenitude do tempo. Por isso, não é a história que decide acerca do nascimento de Cristo, mas, ao invés, é a sua vinda ao mundo que permite à história chegar a sua plenitude. É por isso que se começa do nascimento do Filho de Deus o cálculo de uma nova era, ou seja, a que vê o cumprimento da antiga promessa. Como escreve o autor da Carta aos Hebreus, “muitas vezes e de

muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo. Este Filho é resplendor da sua glória e imagem fiel da sua substância e tudo sustenta com a sua palavra poderosa” (Hb 1,1-3). Assim, a plenitude do tempo é a presença de Deus em pessoa na nossa história. Agora, podemos ver a sua glória que refulge na pobreza de um estábulo e ser encorajados e sustentados pelo seu Verbo que se fez “pequeno” numa criança. Graças a ele, o nosso tempo pode encontrar a sua plenitude. Também o nosso tempo pessoal encontrará a sua plenitude no encontro com Jesus Cristo, Deus feito homem.

Este mistério, porém, sempre contrasta com a dramática experiência histórica. Cada dia, quereríamos ser sustentados pelos sinais da presença de Deus, mas o que constatamos são sinais opostos, negativos, que fazem antes senti-lo como ausente. A plenitude do tempo parece esboroar-se perante as inúmeras formas de injustiça e violência que ferem diariamente a humanidade. Às vezes nos perguntamos: Como é possível que perdue a prepotência do homem sobre o homem? Que a arrogância do mais forte continue a humilhar o mais fraco, relegando-o para as margens mais esquálidas do nosso mundo? Até quando a maldade humana semeará na terra violência e ódio, causando vítimas inocentes? Como pode ser o tempo da plenitude este que coloca diante dos nossos olhos multidões de homens, mulheres e crianças que fogem da guerra, da fome, da perseguição, dispostos a arriscar a vida para verem respeitados os seus direitos fundamentais? Um rio de miséria, alimentado pelo pecado, parece contradizer a plenitude do tempo realizada por Cristo. Lembrai-vos, queridos pueris cantores, que esta era precisamente a terceira pergunta que me fizestes ontem? Como se explica? Até as crianças se dão conta disso!

Contudo, este rio alagador nada pode contra o oceano de misericórdia que inunda o nosso mundo. Todos nós somos chamados a mergulhar neste oceano, a deixarmo-nos regenerar para vencer a indiferença que impede a solidariedade e a sair da falsa neutralidade que dificulta a partilha. A graça de Cristo, que realiza a expectativa da salvação, impele a

tornar-nos seus cooperadores na construção de um mundo mais justo e fraterno, onde cada pessoa e cada criatura possam viver em paz, na harmonia da criação primordial de Deus.

No início de um novo ano, a Igreja faz-nos contemplar, como ícone de paz, a maternidade divina de Maria. A antiga promessa realiza-se na sua pessoa, que acreditou nas palavras do Anjo, concebeu o Filho, tornou-se Mãe do Senhor. Através dela, por meio do seu “sim”, chegou a plenitude do tempo. O Evangelho, que escutamos, diz que a Virgem “conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração” (Lc 2,19). Aparece-nos como vaso sempre cheio da memória de Jesus, Sede da Sabedoria, onde recorrer para termos a interpretação coerente do seu ensinamento. Hoje nos dá a possibilidade de individuar o sentido dos acontecimentos que nos tocam pessoalmente, às nossas famílias, aos nossos países e ao mundo inteiro. Aonde não pode chegar a razão dos filósofos nem as negociações da política, consegue fazê-lo a força da fé que a graça do Evangelho de Cristo nos traz e que pode abrir sempre novos caminhos à razão e às negociações.

Feliz sois vós, ó Maria, por terdes dado ao mundo o Filho de Deus; mas mais feliz ainda sois porque acreditastes nele. Cheia de fé, concebestes Jesus, primeiro no coração e depois no seio, para vos tornardes Mãe de todos os crentes (cf. Santo Agostinho, Sermo 215, 4). Mãe, lançai sobre nós a vossa bênção neste dia que vos é consagrado; mostrai-nos o rosto do vosso Filho Jesus, que dá ao mundo inteiro misericórdia e paz. Amém.★

O rosto da misericórdia de Deus em rostos marcados pelo preconceito

Na minha trajetória de mais de vinte e cinco anos seguindo Jesus Redentor de mãos dadas com mulheres empobrecidas em situação de prostituição ou traficadas para fins de exploração sexual, e em fidelidade ao carisma de minha Congregação de Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, desejo compartilhar com vocês, leitores/as, essa rica e bela experiência de ser e sermos não somente rosto da Misericórdia de Deus, mas também corpo que expressa essa profunda experiência de “Rahamim”, que é um dos sentidos bíblicos: o Deus que se assemelha, a partir do mais íntimo da pessoa humana e do seu corpo, às vísceras maternas, sinônimo de útero, seio de uma mulher que gera vida, vida física e Vida na amplitude da palavra. A Misericórdia é então uma experiência visceral que, em mim, permitiu tocar e deixar-me tocar pela realidade desse grupo de mulheres, chegando a comover minhas próprias entranhas. Assim como gerar Vida no meio das esterilidades de nosso mundo que nos desafia com a quase “naturalização da morte”.

Esse sentido bíblico da Misericórdia me impulsiona a significá-la no dia a dia, na simplicidade e nos gestos cotidianos. Permite-me retomá-la e nomeá-la, contextualizá-la, sentir-me “missionária da misericórdia”,¹ distante de minha terra colombiana, por opção, em culturas diferentes de países latino-americanos como Argentina, Uruguai e atualmente no Brasil. Convida-me como consagrada Oblata a “olhar meu passado com gratidão, meu presente com paixão e meu futuro com esperança”.²

Por isso, com grande alegria, elevo um canto de gratidão ao Deus da Vida, ao contemplar como se abriram portas de misericórdia em minha vida, marcada pelos preconceitos que

1 PAPA FRANCISCO. *O Rosto da Misericórdia*, p. 24.

2 PAPA FRANCISCO. Carta Apostólica às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada.

carrego por ser parte de uma sociedade machista, patriarcal³ e quiriarcal.⁴ Ela alicerça a prática da prostituição, uma das realidades sociais que submete as mulheres a um estigma milenar que se perpetua até hoje, nos imaginários sociais. Experimento como esses preconceitos tomaram carne e corpo em minha pessoa. Mas também, ao tomar consciência deles, abriu-se a possibilidade de fazer um processo de desconstrução que já não pode parar. Nesse sentido, ao olhar meu passado, constatei que, ao aproximar-me dos lugares e locais que as mulheres em contexto de prostituição frequentam, senti aqueles gestos e olhares incômodos dos homens, na sua maioria. Para eles, que são chamados de clientes, toda mulher que ali se encontra é prostituta, com toda a carga pejorativa e punitiva que carrega este termo. Vale salientar que existe uma diferença significativa nos homens que procuraram os chamados “serviços sexuais” das mulheres. A eles ninguém julga, ninguém culpabiliza nem atiram a primeira pedra.⁵ Eles são invisibilizados neste universo e as mulheres, historicamente invisibilizadas, aqui são visibilizadas pelo preconceito, o estigma e a condenação social.

Como Igreja “em saída”,⁶ neste presente desafiador e apaixonante, indo ao encontro das mulheres nos bares, boates, privês, ruas, praças, postos de gasolina... sinto-me em igualdade com elas, o que me faz estar em um processo constante de despir-me de seguranças, de certezas, de preconceitos que me restam e que ainda são muitos. Abre-me a possibilidade de lidar com conflitos internos e externos que são parte desta caminhada humana. Abre-me as portas da Misericórdia para poder abraçar, acolher e escutar a mulheres rotuladas de prostitutas e estabelecer um vínculo humanizante e de qualidade com pessoas iguais a mim, ainda que em situação diferente. Esta experiência permite-me compreender sua condição, colocar-me na sua pele, sentir até minhas entranhas se contorcerem,⁷ por causa da discriminação, assim como do uso e abuso de seus corpos como mercadoria, da violência simbólica, psicológica, física, sexual e institucional a que são submetidas a maioria delas, bem como da violação permanente de seus direitos humanos, sociais e culturais. Desperta

3 Hegemonia do *pater* = pai na sociedade.

4 Poder do patriarca, senhor, derivado do termo grego *kyrios* (cf. SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de sabedoria*, pp. 136 a 147.6 0 f4 7.).

f.J4 8f , -22.3 7rb67.4 (.) [T] r0 - 1.712 TD# [6 CF f. 18

em mim uma indignação diante da apropriação de seu corpo ou de determinadas partes dele, segundo as leis da oferta e da procura.⁸ E sempre em prol do lucro neste sistema capitalista neoliberal, hoje globalizado. Leva-me a rezar com os pés no chão nesta realidade, a contemplar que ali, em cada uma dessas mulheres, está a Divina Sabedoria, a “imagem de Deus”,⁹ parafraseando Antônia Maria da Misericórdia.¹⁰ Impulsiona-me a ressignificar o Deus de Jesus, para quem o importante é a pessoa e por isso faz curas em sábado no confronto com a Lei.¹¹ É esse Deus no qual eu acredito. Aquele que se revela em plenitude em mulheres de carne e osso, com dignidade, com direitos e deveres. E este Deus da Misericórdia surpreende-me a cada dia com atitudes e vivências de Misericórdia em pessoas enxergadas como *laos*¹² – nada –, por uma sociedade sem misericórdia que se acoberta de hipocrisia e, a partir dessa atitude, atira a primeira, a segunda e muitas pedras a mais sobre elas.

Eu me questiono e convido vocês a fazerem o mesmo: Essas mulheres assim consideradas são expressão da Misericórdia de Deus? E ao tentar elaborar uma resposta, me aparecem, como num filme, rostos e atitudes concretas de muitas delas que tenho acompanhado nestes anos, e refletindo a Misericórdia de um Deus que se fez corpo em um corpo de mulher.¹³ Atitudes que mostram com clareza e simplicidade a Misericórdia feita solidariedade e acolhida sem limites: “Embora eu tenha somente esta quitinete, convido você para que a dívida comigo (...) assim não terá que dormir na rua esta noite (...). Se os maus se organizam para o mal, como nós não podemos nos organizar para o bem?”¹⁴

Para concluir, fico contemplando o Deus da Compaixão e Misericórdia no qual acredito. Encoraja-me a cada dia a projetar-me num futuro esperançoso onde o novo está prenhe das supressas e da gratuidade de Deus; ao fazer a diferença num sistema que finca suas raízes no capital, explorando e lucrando com inúmeras pessoas humanas, dentre elas as mulheres empobrecidas em situação de prostituição ou traficadas para fins de exploração sexual. A indignação instiga-me: a transformar este sentimento em criatividade

8 POULIN, Richard. *O caso de amor entre a prostituição internacional e capitalismo*. São Leopoldo-RS: Unisinos, 28 de abril de 2013.

9 BIBLIOTECA HISTÓRICA IRMÃS OBLATAS DO SSMO. REDENTOR (BH I), vol. 1 (1989) “Orígenes da Congregação”, p. 218, par. 3.

10 Fundadora da Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

11 Cf. Lc 13,10-17.

12 GALLAZI, Sandro; RIZZANTE, Ana Maria. *Teologia das Mulheres: a quem Deus revelou seus mistérios*. São Paulo: Fonte editorial, 2012, p. 343.

13 Cf. Gl 4,4-7.

14 Notas do *Diário a Bordo*, Buenos Aires – Argentina, 1993.

para construir, junto com estes grupos, ações que revertam, ainda que pouco a pouco, esta situação que clama ao céu e chega aos donos do poder como um surdo clamor; a continuar tecendo e fortalecendo redes entre a Vida Religiosa, com o Poder Público, a sociedade civil, sobretudo, com os movimentos sociais, a fim de garantir os direitos deste setor social; a viver a missão profética inerente à vocação cristã e religiosa expressa no compromisso de ir na contramão desta conjuntura mundial atual e do Brasil; a “reivindicar a primazia da pessoa sobre o capital e a necessidade de recuperar pautas éticas na vida pessoal e coletiva”;¹⁵ a fazer uma experiência inédita da Misericórdia neste Ano Santo convocado pelo Papa Francisco; a propagar que o Direito, a Justiça e a Misericórdia caminham juntos; afinal, se olharmos para o Antigo Testamento, vemos que esta foi uma prática dos profetas e profetizas.

Hoje, pela nossa vocação profética, somos convidados/as a continuar em compromisso solidário com o povo empobrecido e, dentre ele, as mulheres em situação de prostituição e as que se envolvem no tráfico de pessoas com fins de exploração sexual, assim como a levantar bem alto a tocha de nossa profecia, para que este povo nunca mais seja *laos*, e sim *Hesed*: dom, graça de Deus e parte ativa e efetiva no banquete da Vida, no Reinado de Deus e, portanto, na construção de “um outro mundo possível”.

Ir. Manuela Rodríguez Piñeres

Pe. Rodolfo Lunkenbein: uma vida pelos índios de Mato Grosso

311

Pe. Rodolfo Lunkenbein morreu defendendo a causa dos índios Bororos do Mato Grosso. O seu testemunho nos mostra que também hoje o missionário deve estar disposto a sacrificar a própria vida.

15 de julho de 1976! Dez horas e trinta minutos! No pátio da Missão Salesiana de Meruri, estado de Mato Grosso, Brasil, jaz um corpo. O jovem diretor da Missão, Pe. Rodolfo Lunkenbein, SDB, acaba de ser imolado por defender a comunidade indígena Bororo no processo da demarcação do seu território.

Rodolfo nascera no dia 1º de abril de 1939, em Doringsardt, perto de Bamberg, na Alemanha. Seus pais, João e Maria Lunkenbein, eram pequenos agricultores. Um dia – Rodolfo estava na 5ª série primária – caíram em suas mãos alguns números do *Boletim Salesiano*: foi a descoberta de um mundo novo. O vigário deu-lhe de presente um exemplar da vida de Dom Bosco. A figura do santo impressionou-o de tal forma, que o pequeno Rodolfo decidiu ser padre salesiano.

Por volta da 8ª série, passando férias em casa, certo dia foi chamado pela mãe a dar explicações, pois ela encontrara no bolso do paletó do filho um bilhete amassado com a frase: “Eu quero ser missionário”. “Uma mãe descobre tudo”, respondeu Rodolfo. Contou que o diretor do aspirantado havia pedido a todos que escrevessem, com sinceridade, em bilhete anônimo, o que realmente queriam ser. Tendo borrado o primeiro bilhete, Rodolfo o tinha enfiado no bolso.

Em 1958 chegava a Mato Grosso o novo inspetor salesiano, Pe. João Greiner, alemão, trazendo de sua terra uma leva de jovens missionários, seminaristas e irmãos leigos.

Com ele vinha também o jovem Rodolfo Lunkenbein. Nem salesiano era ainda: vinha fazer o noviciado no Brasil. A ótima saúde, a grande força física, a inteligência prática, a humanidade, a alegria e a disposição para o serviço eram as ferramentas que trazia para seu primeiro e definitivo campo de trabalho missionário: Meruri.

Meruri era uma missão complexa, onde, além do reduzido grupo indígena Bororo, havia um internato para meninos brancos das fazendas e cidades que estavam surgindo na região.

O martírio cristão não é um acontecimento repentino, improvisado. É antes de tudo uma graça de Deus. É também o coroamento de uma vida de muito amor e compromisso com o Reino de Deus, no seguimento do Mártir Divino.

No dia da chacina, tinham os atacantes tomado o pátio da Missão, para onde trouxera preso um dos grupos que estava fazendo a demarcação. O diretor se achava no campo com um grupinho de Bororos, iniciando uma lavoura de arroz no cerrado, para o sustento da comunidade indígena. Foi convocado com urgência e, ao chegar à Missão, percebeu que havia chegado a sua hora. Estavam diante dele os que lhe tinham jurado morte e alguns pistoleiros conhecidos na região. Procurou acalmar os ânimos.

A resposta à atitude pacificadora do Pe. Rodolfo foi a violência contra ele, por palavras e ações. Testemunhas oculares contam que, quando o chefe dos atacantes puxou o revólver para atingir o padre, o capitão bororo, ali perto, quis segurá-lo para impedir o crime, mas foi baleado nas costas, ficando sem sentidos. O padre, já atingido no estômago, levou a mão à ferida, levantando o braço esquerdo para pedir calma. Seguiu-se, porém, um segundo tiro, sob o braço esquerdo, e um terceiro, no coração. Os poucos índios presentes, atarantados pelo súbito ataque, não puderam, como é fácil imaginar, nem se defender nem defender o sacerdote. Um deles, o bororo Simão, teve as entranhas rasgadas por uma faca e à mãe, que correria a socorrê-lo, lhe cravaram uma bala no peito. Rodolfo é logo atendido pelas mulheres presentes e a enfermeira Irmã Margarida, mas

morre segundos após. Simão Bororo também morreu. O padre morreu por defender a terra dos índios e o índio por defender a vida do padre.

Pouco depois da morte do Pe. Rodolfo e Simão, a área bororo de Meruri foi demarcada. A comunidade indígena conseguiu a posse e o uso exclusivo de sua área. O martírio de Rodolfo e Simão refloresce na vida e é celebrado todos os anos na lembrança.*

* Publicado por: marcelosdb, 27/10/2010.
Texto retirado do livro do Pe. Gonçalo Ochoa, SDB:
Pe. Rodolfo Lunkenbein: uma vida pelos índios de Mato Grosso.

Vaticano apresenta documento “Identidade e missão do religioso irmão na Igreja”

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, presidida pelo cardeal João Braz de Aviz, apresentou o documento “Identidade e missão do religioso irmão na Igreja”.

O cardeal Braz de Aviz garantiu que este documento destaca a grande riqueza e atualidade da vocação dos irmãos. O seu conteúdo – destacou – pareceu-nos muito válido e inovador à luz do Concílio Vaticano II.

Também recordou que “a vocação do religioso irmão é, em primeiro lugar, a vocação cristã. É o chamado do Espírito a assemelhar-se a Cristo pela glória do Pai e para contribuir à edificação do Reino”.

O cardeal afirmou que o documento indica que a identidade e a missão do religioso irmão se resume na fraternidade entendida como “dom que o irmão recebe de Deus Trindade, comunhão de pessoas”, “dom que compartilha com os seus irmãos na vida fraterna em comunidade” e “dom que oferece ao mundo para a construção de um mundo de filhos de Deus e de irmãos”.

Neste sentido, afirmou que “a fraternidade não é meramente resultado do esforço pessoal. Ninguém chega a ser irmão de acordo com o Evangelho pelo simples desejo de sê-lo ou por um impulso individual. A fraternidade é, especialmente, um dom de Deus”. O religioso irmão – acrescentou – é alguém que, seduzido pelo amor do Pai, oferece-se totalmente a ele, ou seja, se consagra sem reservas. “Identifica-se assim com Jesus que, na cruz, se entrega totalmente até dar a vida pelos seus irmãos, e com Jesus lava os pés dos seus discípulos”, explicou o cardeal. Da mesma forma, explicou

que “o dom que o religioso recebeu torna-se compartilhado na vida fraterna em comunidade”. E – acrescentou – dizer vida fraterna em comunidade equivale a dizer relações harmônicas entre irmãos, conhecimento recíproco, aceitação e amor, diálogo, estima mútua, apoio mútuo, compartilhar os talentos, esquecer-se de si mesmo, perdão, discernimento em comunidade da vontade de Deus, colaboração na missão eclesial, abertura às necessidades da Igreja e do mundo, especialmente dos mais necessitados.

Em terceiro lugar, afirmou que “o dom que o irmão religioso recebe e partilha com seus irmãos transforma-se em dom que nos entrega à missão”. Fundado na experiência fundamental – reconheceu – de sentir-se com Jesus filho amado do Pai, o religioso irmão vive em comunhão com os seus irmãos e projeta a sua fraternidade em todas as suas relações, em todas as suas atividades e trabalhos. E, sobre isso, garantiu que “os irmãos realizam a própria missão de contribuir à construção do Reino de fraternidade através da oração incessante, do testemunho de vida fraterna e da decisão comunitária a serviço da Igreja e do mundo”.

Por sua parte, mons. Rodríguez Carballo, prefeito e secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, quis agradecer o Papa emérito Bento XVI, porque foi ele que, em 2008, deu o primeiro impulso para a redação deste documento. E um agradecimento também ao Papa Francisco, que já conhecia o rascunho do documento quando era cardeal-arcebispo de Buenos Aires e membro desta congregação.

Em seguida, explicou que “o documento tem como objetivo sublinhar a riqueza e as necessidades de todas as vocações na Igreja, especialmente a vocação à Vida Religiosa laical de homens e mulheres”. O documento – disse – foca especialmente no específico da Vida Religiosa laical, ou porque lhe pertence de forma exclusiva, ou porque o destaca de uma forma especial.

O arcebispo afirmou que, em primeiro lugar, o documento está particular e diretamente destinado aos irmãos religiosos dos Institutos laicais, mas estende-se também às mulheres consagradas, pela grande semelhança que existe

entre as ambas vocações, e, em parte também, a todos os irmãos leigos dos institutos clericais.

Por outro lado, quis recordar que inicialmente a Vida Religiosa tinha como propósito a confirmação a Cristo em uma vida fraterna de irmãos e irmãs consagrados especialmente pelo serviço da oração e da missão. Com o tempo, destacou, “o ministério sacerdotal adquiriu cada vez mais relevância em muitos institutos de religiosos homens, a tal ponto que superavam em número os irmãos religiosos”. Atualmente, “os irmãos religiosos são, aproximadamente, uma quinta parte do total dos religiosos homens”, esclareceu mons. Rodríguez.

Em conclusão, expressou sua esperança de que a divulgação deste documento “contribua significativamente para uma melhor compreensão da vocação e missão do irmão religioso, para uma maior valorização por parte dos próprios irmãos e de toda a Igreja; e que os religiosos irmãos, as religiosas e todos os consagrados e consagradas vivam cada vez com mais fidelidade a sua vocação”.★

* Fonte: <<http://www.zenit.org/pt/articles/vaticano-apresenta-documento-identidade-e-missao-do-religioso-irmao-na-igreja?>>.

Magnificat: exultação na misericórdia de Deus

317

FR. MOACIR CASAGRANDE, OFM^{cap}¹

Introdução

Celebrando o jubileu extraordinário da misericórdia, pretendendo aprofundar a misericórdia no *Magnificat*, o Cântico de Maria. Nesta oração que a Vida Religiosa Consagrada recita diariamente, deparamo-nos com a excelência da misericórdia de Deus na história, experimentada e cantada por aquela que totalmente acolheu e totalmente se deu à graça que recebeu, entendendo em si mesma que não se tratava apenas de um bem pessoal, mas da salvação de toda a humanidade, de toda a criação.

O *Magnificat* em Lucas

Magnificat é um hino em Lucas. Os hinos nos capítulos 1 e 2 de Lucas têm a função de explicar, segundo o Espírito Santo, os acontecimentos. Maria é chamada, agora, a interpretar o evento último de Deus (escatológico), do qual o povo faz experiência no momento presente. Ela expressa sua interpretação através do *Magnificat*. Começa exultando em nome próprio: “Minha alma engradece o Senhor”, mas logo amplia, cantando em nome do povo de Israel: “Sua misericórdia se estende de geração em geração”; “Veio em socorro de Israel, seu servo”. É, portanto, a ação de graças de uma pessoa que representa o povo todo.

Neste hino todos os salmos da aliança do povo de Deus são sintetizados e superados. Assim, os leitores e orantes com este hino são chamados a partilhar do júbilo, mas só a

¹ Frei Moacir Casagrande é membro do Conselho Editorial da CRB.

comunidade celebrante dos crentes em Cristo está em condições de alcançar a altura dele. *Magnificat* é o cântico que nasce do encontro de mães (Maria e Isabel), cujos filhos mudam a história da humanidade. As mães sentem, os filhos vibram no seio delas, e elas se rejubilam. As mães aprendem o mistério divino por intermédio dos filhos que exultam em seus seios.² As mães vivem e ensinam o que é “assim na terra como no céu”. Há uma conexão direta entre as entranhas delas (terra) e a eternidade.

Embora a crítica literária afirme, com convicção, que o *Magnificat*, como o temos hoje, não tenha sido uma improvisação de Maria, nem possa ser atribuído ao tempo do acontecimento (encontro de Maria com Isabel), considera que, possivelmente, a parte mais original se constituiria só nos versos 46 a 49. Desse modo, o canto individual de ação de graças dela ter-se-ia tornado um canto coletivo de alegria nacional. Em nosso artigo vamos considerar o texto assim como hoje se encontra, canonicamente acolhido com inspiração divina,³ cantado e rezado diariamente por toda a Igreja em todo o mundo.

O começo do fim, tudo está mudando

O hino exalta Deus por sua última ação, a qual torna realizada e permanente a salvação de Israel: “A sua misericórdia, de geração em geração, chega a todos os que o temem” (Lc 1,50). “Fiel à sua misericórdia, acolheu Israel, seu servidor” (Lc 1,54). Exalta também pela nova ordem estabelecida no mundo: “Ele interveio com toda a força de seu braço, dispersou os de coração soberbo. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Saciou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias” (Lc 1,51-53). O hino fala da última iniciativa de Deus em andamento, como já realizada, tamanha é a certeza da fé experimentada na entrega feita à causa de Deus.

O olhar profético vê o cumprimento da ação de Deus já agora, em seu modesto início. Este início modesto está escondido na alegria de duas mulheres que estão a ponto de

2 Cf. Joseph Fitzmyer. *The Gospel According to Luke*, vol. 1. Garden City, New York, Doubleday Company, 1986, p. 358.

3 H. Schurmann é do parecer de que não existe contexto mais adaptado para o *Magnificat* do que o encontro histórico de Maria com Isabel. *Il Vangelo di Luca*. Brescia, Italia: Paideia, 1983, p. 184.

se tornarem mães (1,46-49): uma em idade avançada, cujas esperanças haviam esvanecido (cf. Lc 1,18.24-25); outra muito jovem, que ainda não havia casado, coabitado, mas com sonhos e projetos (cf. Lc 1,27.34). Este início consiste nas coisas maravilhosas que Deus operou nas entranhas delas, pois “a Deus nada é impossível” (Lc 1,37). Todo orante pode entender que a visão da ação salvífica universal de Deus se abre a partir da experiência pessoal, como é o caso de Maria aqui, no encontro com Isabel.

Há uma alternância entre a ação de graças pessoalmente experimentada e a exaltação hínica dos gestos de Deus na forma de passado, mas ainda em andamento. A experiência do presente não deixa dúvidas sobre o futuro. Há um passado resgatado em Isabel e um futuro contemplado em Maria. Assim ela canta a experiência da salvação pessoal com a certeza de que é universal, e se estende até o fim dos tempos. Maria não se dirige diretamente a Deus por temor reverencial, mas não restam dúvidas de que é Deus Salvador o motivo de sua exultação: “Se alegrou o meu espírito em Deus meu salvador” (1,47).

Humildade sim, humilhação não

No versículo 48, a humildade (também traduzida por pequenez) de Maria não tem a ver com uma situação de humilhação, como no caso de Ana em 1Sm 1,11, mas sim com o sentido de ser “servidora do Senhor”. Pessoalmente Maria não foi humilhada, mas se fez humilde. Ela é muito jovem, não há como se falar de ser humilhada pelo Senhor como parece ser o caso de Ana ou de Isabel. Segundo a interpretação dos escribas, esterilidade é sinal de rejeição de Deus (1Sm 1,1-11). Maria está começando sua vida procriadora, nela a esterilidade nem teve tempo de se manifestar (cf. Lc 1,27.34). A humildade aqui está diretamente ligada à disposição de fazer-se serva, isto é, o contrário de senhora. Deus não se impõe a Maria, mas propõe seu projeto e ela aceita, por isso não é humilhada, não é escrava, nem é assim que ela se expressa; porém é serva, pois a ação de Deus só

acontece depois do seu sim. É assim que Deus quer tratar a todos nós.

Uma leitura que vem do céu

A afirmação de que será chamada por todas as gerações de bem-aventurada procede das palavras de saudação do Anjo durante a anunciação: “Alegra-te ó cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28); “Não temas, pois obtivestes graça junto a Deus” (Lc 1,30), bem como da saudação de Isabel: “Tu és bendita mais que todas as mulheres e bendito é também o fruto de teu ventre” (Lc 1,42). O júbilo de Isabel ressoará para sempre no filho de Maria (Jesus), pois o seu reino não terá fim (cf. Lc 1,33). Maria é elogiada por Isabel, mas não responde a Isabel com elogios. Ela reconhece, com certeza, que o que nela se realiza não é mérito dela, nem bondade de Isabel, mas pura graça, expressão da misericórdia e da santidade de Deus. A alegria que o anjo Gabriel anuncia e exorta em Lc 1,28: “Alegra-te, ó tu, cheia de graça, pois o Senhor está contigo”, e que Isabel proclama em Lc 1,42: “Tu és bendita entre todas as mulheres”, agora irrompe das entranhas de Maria e se expressa no *Magnificat*.

A proclamação de bênção para uma mulher não é uma novidade de Isabel. Débora, em seu canto, já havia proclamado Jael bendita (Jz 5,24). Também Ozias proclamou bendita sua filha Judite (Jt 13,18). Mas, em Lc 11,27-28, uma mulher bendiz o ventre que gerou e os seios que amamentaram Jesus, a quem ele responde: “Bem-aventurados antes os que ouvem a Palavra de Deus e a praticam”, pois é na obediência à Palavra de Deus que a salvação se realiza. Este é o acento principal. A criação, a novidade, a felicidade são frutos da obediência de quem se dispõe a realizar a vontade de Deus.

Misericórdia infinita reconhecida no finito

Da exultação graciosa pela grandiosa ação de Deus, brota o hino de louvor à santidade e grandeza dele: “Santo é seu

Nome” (Lc 1,49). A santidade de Deus manifesta em suas ações é a misericórdia que prevalece por todas as gerações que temem ao Senhor. As ações de Deus em favor de Maria e de seu povo não são direito nem dela nem do povo, mas pura bondade dele. A expressão da Onipotência de Deus é a sua misericórdia. Ele dá todo o bem, o bem inteiro, sem que as pessoas o mereçam. “Misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.”⁴

Os versos 51 e 52 mostram como se realiza a misericórdia de Deus agora, não só para com Maria, mas para com todo o seu povo, no meio do qual Maria está inserida. Maria não reza só individualmente, mas coletivamente, como membro de todo um povo (Israel), e nele toda a humanidade é contemplada. Eis a razão pela qual todos somos convidados a expressar diariamente este hino. Nele, a partir de Maria, perseveramos no reconhecimento e no louvor. A ação de Deus agora é definitiva, eis a novidade. Assim, a origem terrena do Messias, que se encontra no seio de Maria, é vista como o início do fim, realização definitiva dos desígnios de Deus.

Ele intervém com a força (dinamis) de seu braço:

- a) dispersando os orgulhosos (soberbos), pois o orgulho traz um falso saber que leva à destruição tanto de quem o possui quanto de quem se coloca sob seu domínio; por isso os orgulhosos são dispersados pelo seu próprio orgulho.
- b) derrubando os poderosos de seus tronos. Um poder constituído sobre si mesmo e para si mesmo não procede de Deus e, por isso mesmo, não tem razão de ser. O verdadeiro poder se firma na partilha e participação.
- c) despedindo os ricos de mãos vazias. O ícone dos ricos é a mão cheia, que expressa poder, mas a mão cheia contrasta com o estômago vazio, que significa humilhação. Os bens não são para a acumulação simbolizada pelas mãos cheias = ricos, mas para a alimentação, nutrição, simbolizada pelo estômago = famintos, para os quais devem ser passados os bens das mãos. Mas sua ação não se resume a isto.

⁴ Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*.

d) ele também expressa o poder de seu braço, quando exalta os humildes e cobre de bens os famintos. Aqueles que temem o Senhor (perfil ético-religioso), são também os que o Senhor exalta e cumula de bens (perfil político-social). Não se trata de uma luta de classes, mas de uma ordem no mundo que tenha origem em Deus, pois o que existe no mundo é uma verdadeira desordem ou uma ordem sem Deus.

Os soberbos maquinam o domínio sobre tudo pela busca do poder. Os poderosos, exercitando a violência, tornam-se ricos sobre a terra antes que cheguem ao poder. Por isso, fala-se primeiro da dispersão do pensamento dos soberbos, em seguida da derrubada dos poderosos e, por fim, do esvaziamento dos ricos. Só assim a vontade de Deus, que é o bem de todos, acaba por prevalecer. A vontade de Deus se estabelece pela obediência de pessoas concretas como Maria, Isabel, José, Zacarias, Tereza de Calcutá, Dulce dos Pobres etc.

Constante conversão é o segredo da mudança

O quadro político-econômico-social vigente é exatamente o contrário daquele que Deus quer. O que Maria experimenta é o que Paulo propõe aos cristãos de Roma: “Não vos conformeis com o mundo presente, mas transformais-vos pela renovação de vossa mente, para discernirdes qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito” (Rm 12,2). Somente uma realidade dirigida pela vontade de Deus pode mudar a situação do mundo. Maria sente e crê que tal realidade começa a se verificar em seu ventre, o que é confirmado por Isabel e seu filho: “Quando a tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança saltou de alegria em meu seio. Bendita aquela que acreditou: o que lhe foi dito da parte do Senhor se cumprirá” (Lc 1,44-45).

Embora no verso 54 fale da acolhida e da misericórdia de Deus para com seu servo Israel, não se pode achar que os inimigos de Israel sejam os estrangeiros (orgulhosos, poderosos

e ricos), nem que os verdadeiros servos sejam só os israelitas. Israel aqui não é uma etnia, são todos os tementes a Deus, todos os humildes servidores e todos os que sofrem porque não têm o necessário para viver. Por isso a novidade messiânica significa divisão e juízo, mesmo dentro do próprio povo de Israel.

A súplica dos tementes a Deus é ouvida. O Senhor se recorda de sua promessa (Ex 20,5-6) e começa, em Maria, um novo tempo para Israel e, com ele, para toda a humanidade, ou, melhor dizendo, para todo o mundo criado. Qual é a promessa feita? É aquela revelada a Abraão na origem do povo de Israel: “Farei de ti uma grande nação e te abençoarei. Tornarei grande o teu nome para que tu sejas uma bênção. Abençoarei quem te abençoar e quem te injuriar amaldiçoarei” (Gn 12,2-3). Promessa renovada a seu servo Moisés na saída do Egito: “Eu sou o teu Deus, um Deus zeloso que visita a iniquidade dos pais nos filhos até a quarta geração dos que me odeiam, mas que pratica a misericórdia até a milésima geração dos que me amam e guardam meus mandamentos” (Ex 20,5-6). Na promessa a misericórdia não tem comparação com o castigo. Ela prevalece ao longo de mil gerações, enquanto o castigo não passa de quatro; portanto, o castigo é limitado, mas a misericórdia é infinita.

Tudo o que acontece com Maria, tudo o que ela partilha com Isabel, tudo o que ela canta neste hino tem a ver com a misericórdia de Deus. Misericórdia que é o resgate da criação, que se estende de geração em geração sobre os que o temem, ao longo da história de todos os tempos. Misericórdia que está na origem do seu povo, feita a Abraão. Misericórdia que pode ser percebida e experimentada em cada geração a seu tempo, até o fim dos tempos. Misericórdia que prevalece sobre tudo.

O *Magnificat* é realmente um cântico de ação de graças pessoal e exhibe uma situação concreta de ação de graças, que é seu contexto atual. Ele cabe bem à situação de Maria depois que ela se deu conta do cumprimento da mensagem do Anjo. É verdade que o conteúdo do cântico vai

muito além da história do seu tempo, assim como o tempo do fim irrompe e modifica toda e qualquer história. Ninguém melhor para falar disso que a própria mãe de Jesus. O *Magnificat* celebra os benefícios de Deus destinados, segundo a leitura de Maria, ao presente, ao passado e ao futuro. Assim como Abraão personifica a aliança fundadora da Promessa, Maria personifica a aliança realizadora da mesma.

Conclusão

Concluo a reflexão reportando-me ao Salmo 136, que proclama os feitos históricos de Deus como expressão de sua misericórdia. Embora várias traduções tenham colocado a palavra amor ou fidelidade, a expressão mais apropriada é mesmo misericórdia, graça oferecida sem direito de quem recebe. Segundo o salmista: “Eterna é a sua misericórdia” (136,1) repete-se depois de cada feito, 26 vezes, ao longo dos 26 versículos, pois cada ação divina, ao longo de todos os tempos, é permeada pela misericórdia de Deus. Este salmo é um convite a continuarmos a celebração dos feitos de Deus na história agora vivida por nossa geração. “A misericórdia torna a história de Deus com Israel uma história de salvação. O fato de repetir continuamente ‘eterna é a sua misericórdia...’ parece querer romper o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se quisesse dizer que o homem, não só na história mas também na eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai”.⁵

Oração

Todo o meu ser te exalta, ó Senhor,
e se alegra em tua obra salvadora,
porque me chamaste para ser profeta da esperança,
semeando alegria por todos os caminhos
já trilhados e por trilhar.

⁵ Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, n. 7.

Olhaste para mim, teu humilde servo,
e me confiaste o despertar das criaturas
para as realidades eternas, deixando o apego a tudo
o que é passageiro e estabelecendo foco naquilo
que substancialmente dá sentido à vida.
Nesta minha entrega, que a comunidade inteira se torne
fraternidade e que esta seja expressão
da comunhão Trinitária;
que eu saia para as periferias existências:
acolhendo os refugiados, solidário com os pobres,
criativo no anúncio do Evangelho,
na catequese e na iniciação à oração;
que eu aprenda a colocar vinho novo em odres novos,
usando nossos espaços em obras condizentes
com as atuais exigências da
evangelização e da caridade.

Que o teu nome seja santificado e glorificado
em cada momento de minha vida e tua misericórdia,
experimentada por todas as etnias, povos e nações.
Cria e alimente em mim uma nova humanidade
e faze que nela eu persevere até o fim.
Que minha entrega à tua causa seja total
e tua missão tenha êxito em cada momento
da entrega de meu ser.
Que eu seja dócil, fiel e generoso instrumento
da tua verdade, justiça e misericórdia,
mesmo que para isso tenha que morrer.
Amém!

Questões para ajudar a leitura individual
ou o debate em comunidade

1. Que memória o cântico de Maria desperta em você?
2. Que lições ele traz para sua consagração?
3. Como você experimenta a misericórdia de Deus? Procure fazer agora o *Magnificat* da história de sua vida.

Falar de Deus no mundo do trabalho

327

Encruzilhada entre fé e vida

DEBORA DAMIOLINI¹

Introdução

É segunda-feira de uma semana qualquer. Às sete horas, os funcionários já estão no pátio da marmoraria, prontos para começar uma nova semana. O responsável chama-os no escritório. Reza um Pai-Nosso com eles e lê para o grupo esta pequena mensagem:

Havia um menino que tinha um temperamento difícil. Seu pai deu-lhe um saco de pregos e disse-lhe que, a cada vez que perdesse a paciência, pregasse um prego na cerca dos fundos de sua casa. No primeiro dia o menino pregou 37 pregos na cerca. Então foi diminuindo gradualmente. Ele descobriu que era mais fácil conter seu temperamento do que bater pregos na cerca. Finalmente chegou o dia em que o menino não perdeu mais a paciência.

Ele contou isso ao seu pai, que sugeriu que agora o menino tirasse um prego da cerca para cada dia que ele conseguisse conter seu temperamento. Os dias foram passando e o menino pôde, finalmente, contar a seu pai que não havia mais pregos na cerca.

O pai pegou o filho pela mão, levou-o até a cerca e disse: “Você fez bem, meu filho, mas veja os buracos na cerca. A cerca nunca mais será a mesma. Quando você fala coisas com ódio, elas deixam uma cicatriz como estas. Você pode enfiar uma faca em um homem e tirá-la. Não importa quantas vezes você diga que sente muito. A ferida continuará lá! Uma ferida verbal é tão maléfica quanto uma física”. “Amigos são joias raras”, continuou o

1 Irmã Debora Damiolini é italiana, religiosa das Irmãs Operárias da Santa Casa de Nazaré, membro da equipe de formação da Congregação, graduada em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Sagrado Coração – Milão (Itália) e pós-graduada em Formação para a Vida Religiosa, pelo Instituto Santo Tomás de Aquino – Ista, em Belo Horizonte-MG. **Endereço:** Av. Cidade de Sorocaba, 558 – Jd. Paulista, Barueri (SP). **E-mail:** ir.debora@irmasoperarias.com.br; deboradamiolini@yahoo.com.br.

pai. “Eles nos fazem sorrir e nos encorajam a seguir em frente. Eles nos dão ouvidos, nos consolam e sempre estão dispostos a abrir o coração para nós.”²

É bonito ouvir histórias como estas. São meios simples e eficazes para transmitir valores em encontros de crianças, grupos de jovens, catequese. Talvez não seja tão comum ouvi-las fora destes contextos; por exemplo, nas primeiras horas do dia de uma segunda-feira, contadas para funcionários de uma empresa de mármore.

Não são muitos operários: ao todo dez, comigo. Eu sou a única mulher do grupo. Sou uma religiosa operária³ e trabalho como secretária na pequena marmoraria. Alguns, dentre os colegas, pertencem a outras denominações religiosas; outros se dizem ateus. Mal sabem rezar! O fato de que Deus exista ou não, não os afeta. Mesmo assim, acolhem com abertura nosso pequeno encontro semanal.

Nosso encontro, para mim muito profundo e significativo, nos faz lembrar que Deus está aqui, conosco, no nosso trabalho, assim como está presente em cada momento de nossas vidas.

Todos os dias, antes de uma nova jornada de trabalho, me pergunto: como falar de Deus em meu ambiente de trabalho? Como ser evangelizadora desse grupo de irmãos, a quem o amor de Deus deve ser anunciado? Este artigo propõe algumas reflexões sobre este tema, baseadas em minha experiência de irmã operária.

É possível falar de Deus no mundo do trabalho?

É possível falar de Deus no mundo do trabalho? Pergunto a meu chefe, preocupado em dar testemunho da fé.

Sim, é possível falar de Deus no mundo do trabalho. Hoje em dia a vida parece ser guiada pela sociedade que, voltada para o egoísmo, direciona as atitudes das pessoas para o próprio eu. Isso faz com que a convivência em grupo fique difícil, principalmente na classe mais carente da sociedade que com menos

2 Autor desconhecido. *Pregos e madeira*. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/texto090.shtml>>. Acesso em: 23 jun. 2015, às 8h52.

3 As Irmãs Operárias da Santa Casa de Nazaré são uma família religiosa fundada em 1900, na Itália, por Santo Arcângelo Tadini, cujo carisma é a evangelização do mundo do trabalho.

cultura educacional se autoexclui de muitas possibilidades, mas mesmo assim as anseia e inveja e com isso se afasta dos propósitos de Cristo. Mesmo assim tem uma carência de fé... de Cristo.

Perceber isso no comportamento das pessoas nos torna mais humanos, mais seguidores, mais discípulos de Cristo. Este é o princípio que me guia no meu dia a dia no mundo do trabalho. Sou empresário numa pequena empresa de mármore e granito e busco viver minha fé principalmente dentro do meu trabalho, porque eu passo 80% do meu tempo com meus funcionários, muito mais do que o tempo dedicado a minha família.

Eu observo muito, cada detalhe e conheço as características de cada uma das pessoas que trabalham comigo. Eu sei as qualidades e os defeitos de cada um. Por isso eu gosto, na segunda-feira, no início da semana de trabalho, de fazer uma pequena oração, e se não estiver todo mundo junto, porque alguém, por diversos motivos, está faltando, eu prefiro adiar este momento para outro dia da semana.

Tem momentos em que todos estão bem, mas nem sempre a gente consegue ser bons parceiros de trabalho. Têm muitas conversas fiadas, muitas fofocas... Jesus nos ensina que primeiramente temos que ser irmãos. E neste sentido eu busco harmonia no ambiente de trabalho. Quando vejo que um dos meus funcionários está nervoso ou insatisfeito, e deixa transparecer mais seu lado ruim do que o bom, procuro chegar até ele e conversar. Nunca paro diante dos lados ruins, mas procuro passar por cima, porque Jesus não olhou a pessoa a partir de um acontecimento, ou de uma atitude, mas de sua história, de suas motivações e pela esperança num futuro que ainda pode ser diferente para ela.

Cada colega tem seu caráter, seu jeito. A., por exemplo, só fica rindo. Pode falar qualquer coisa para ele: quer seja um elogio ou uma puxada de orelha, ele te olha e começa rir. E., pelo contrário, anda “armado” com duas PT.⁴ Quando alguém “bate direto com ele”, ele se sente ameaçado e reage. Mas isso não é maldade. Ele sofreu muito, desde criança, e foi criado assim. Às vezes ele mostra seu “lado religioso”: começa a falar do Deus que ele

4 Pistola Taurus, arma.

serve... mas este Deus ainda não é Jesus Cristo. Ele ainda não o conheceu, porque ele não age como Jesus nos pede.

Acredito que a melhor forma de falar de Deus no mundo do trabalho, o melhor modo de comunicar este amor de Cristo, é a abordagem direta, frente a frente, para que o outro perceba em você a presença de Cristo, através do seu amor e da sua compreensão, de suas atitudes cristãs, que com certeza levam o outro a se questionar.

Têm pessoas que ficam com vergonha de falar de Jesus Cristo. Eu não tenho vergonha de Jesus e sempre ponho Jesus Cristo do meu lado. Não posso deixar Jesus Cristo em casa e ir resolver problemas no trabalho, porque o inimigo acha muitas brechas para levar a gente ao nervosismo, à ira, ao ciúme...

Jesus Cristo está sempre do meu lado: no trabalho, na rua, quando falo com as pessoas...

O melhor momento de falar de Deus no mundo do trabalho é quando percebo, no convívio da equipe, a presença de trevas, tristeza, angústia. Este é o momento da chegada da luz, pois trevas e luz não partilham a mesma convivência: ou a pessoa se acalma e manda embora os momentos de trevas ou se afasta da equipe.

Mesmo quando alguém resolve sair da equipe, percebo que ele não sai com rancor, raiva, ressentimento, mas leva consigo uma semente de luz que foi lançada no tempo do nosso convívio e que se pode tornar maior que as trevas na vida daquela pessoa. Já experimentei isso muitas vezes durante a minha vida, e por isso agradeço a Deus.⁵

Casado, pai de três filhos, como a maioria dos católicos, Gilson vive sua fé no ambiente de trabalho, procurando colocar em prática o Evangelho no cotidiano do trabalho. Como irmã operária, consagrada que vive seu sim no mesmo ambiente, tenho a graça de trabalhar como secretária neste contexto bonito e desafiador: uma pequena empresa de um empresário cristão.

5 Entrevista concedida à autora, em 19 de junho de 2015. Todas as demais referências a falas de Gilson são extraídas desta entrevista.

A cada dia me ponho a pergunta: É possível falar de Deus no mundo do trabalho? Como?

O mundo do trabalho

Ao sair de casa, todos os dias, é possível perceber ao nosso redor, sem prestar muita atenção, um mundo em contínuo movimento, uma multidão de pessoas que não param e representam, em termos de produtividade, o motor da sociedade: o padeiro da esquina, o rapaz que trabalha no posto de gasolina, a moça que serve café, a mulher que trabalha no caixa do supermercado, o funcionário que esclarece nossas dúvidas na loja de material de construção, o jovem que com dificuldade procura avançar num trem lotado, oferecendo amendoim ou balas, o taxista, o funcionário do banco, a faxineira e a secretária, a moça do telemarketing que liga para oferecer produtos, o motoqueiro que entrega pizza, a mãe que prepara um almoço para os filhos, a professora, a enfermeira etc.

A realidade do mundo do trabalho é concreta, evidente e necessária. O próprio Jesus, homem-Deus, abraçou esta realidade e se tornou parte dela:

Na sua pregação Jesus ensina a apreciar o trabalho. Ele mesmo “se tornou semelhante a nós em tudo, passando a maior parte dos anos da vida sobre a terra junto de um banco de carpinteiro, dedicando-se ao trabalho manual”, na oficina de José (cf. Mt 13,55; Mc 6,3), a quem estava submisso (cf. Lc 2,51). Jesus condena o comportamento do servo indolente, que esconde debaixo da terra o talento (cf. Mt 25,14-30) e louva o servo fiel e prudente que o patrão encontra aplicado em cumprir a tarefa que lhe fora confiada (cf. Mt 24,46). Ele descreve a sua própria missão como um trabalhar: “Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também” (Jo 5,17); e os seus discípulos como operários na messe do Senhor, que é a humanidade a evangelizar (cf. Mt 9,37-38). Para estes operários vale o princípio geral segundo o qual “o operário é digno do seu salário” (Lc 10,7); eles estão autorizados a permanecer nas casas em que forem acolhidos, a comer e a beber do que lhes for servido (cf. *ibidem*).⁶

6 *Compendio da Doutrina Social da Igreja*. Roma, 2004, n. 259. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A tarefa de submeter a terra](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A%20tarefa%20de%20submeter%20a%20terra)>. Acesso em: 29 maio 2015, às 11h18min.

Esta realidade dinâmica, em contínua mutação, acaba hoje sendo determinada pelas exigências do mercado. Todos os seres humanos, antes ou depois, começam a fazer parte deste processo inexorável e, muitas vezes, inumano. O mundo do trabalho é o motor da sociedade, alicerçada no consumo e na produtividade. Esta verdade é tão marcante quanto assustadora. De fato, quem são os “excluídos” de hoje, os “marginalizados” da sociedade pós-moderna? Parece fácil identificá-los justamente com quem não consegue, por diversas causas, se encaixar no mercado do trabalho. O pobre, o desempregado, o idoso, o doente, a criança... pobres de hoje, pobres e desprezados, excluídos e marginalizados, porque sem capacidade produtiva.

Neste contexto ainda há espaço para Deus no mundo do trabalho? Como falar dele neste ambiente? Deus, que em Jesus de Nazaré se fez operário, trabalhador no meio dos trabalhadores, é banido das fábricas, das oficinas, dos escritórios e dos demais ambientes de trabalho. Parece que, na sociedade atual, mundo do trabalho e vivência da fé se tornaram antípodas. Estamos negando para Deus, detido nos templos, nas igrejas, nos sacrários, a via da encarnação, que ele mesmo escolheu por primeiro para fazer-se próximo dos seres humanos.

O valor cristão do trabalho

Falar de Deus no mundo do trabalho significa, em primeiro lugar, reestabelecer o verdadeiro sentido da atividade humana e colocar “as coisas em ordem”. A pessoa – o ser humano – é um valor absoluto que, de modo algum, pode ser subjugado pelo trabalho. O próprio Jesus, no Evangelho, diz: “O sábado é feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27), colocando-se direta e energicamente contra toda forma de exploração do ser humano e de desvalorização de sua dignidade de pessoa.

Na sua pregação, Jesus ensina aos homens a não se deixarem escravizar pelo trabalho. Eles devem preocupar-se, antes de tudo,

com a sua alma; ganhar o mundo inteiro não é o escopo de sua vida (cf. Mc 8,36). Os tesouros da terra, com efeito, se consomem, ao passo que os tesouros do céu são imperecedouros: a estes se deve ligar o próprio coração (cf. Mt 6,19-21). O trabalho não deve afligir (cf. Mt 6,25.31.34): preocupado e agitado por muitas coisas, o homem corre o risco de negligenciar o Reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6,33), de que verdadeiramente necessita; tudo mais, inclusive o trabalho, encontra o seu lugar, o seu sentido e o seu valor somente se orientado para esta única coisa necessária, que jamais lhe será tirada (cf. Lc 10,40-42).⁷

A ganância e o egoísmo desfiguraram o “rosto do trabalho” e do trabalhador. Quantas vezes o trabalho se reduz a sofrimento, luta, fadiga, “punição”, peso inevitável.

Na verdade, como dizia Santo Arcângelo Tadini,⁸ apóstolo do mundo do trabalho, “Enquanto trabalham com as mãos, o vosso coração e a vossa mente se elevem a Deus. Desta forma seu trabalho será uma contínua oração”. Olhar para o alto, para Deus, enquanto nossas mãos estão manuseando uma lixadeira, uma caneta, uma colher, digitando no teclado de um computador, segurando o volante de um carro ou dando o troco para um cliente, significa lembrar que o nosso trabalho, qualquer que seja, não se reduz a um fardo para o ser humano, uma punição, consequência do pecado de Adão e Eva. É muito mais participação na obra da criação e da redenção.

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, mais uma vez, nos ilumina sobre este ponto:

O trabalho representa uma dimensão fundamental da existência humana como participação não só na obra da criação, como também da redenção. Quem suporta a penosa fadiga do trabalho em união com Jesus, num certo sentido, coopera com o Filho de Deus na sua obra redentora e se mostra discípulo de Cristo levando a Cruz, cada dia, na atividade que é chamado a levar a cabo. Nesta perspectiva, o trabalho pode ser considerado como um meio de santificação e uma animação das realidades terrenas no Espírito de Cristo. Assim concebido

⁷ *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 260.

⁸ Sacerdote italiano, pároco, fundador da Congregação das Irmãs Operárias da Santa Casa de Nazaré.

o trabalho é expressão da plena humanidade do homem, na sua condição histórica e na sua orientação escatológica: a sua ação livre e responsável revela a sua íntima relação com o Criador e o seu potencial criativo, enquanto todos os dias combate o desfiguramento do pecado, também ganhando o pão com o suor da frente. [...] Com o seu trabalho e a sua laboriosidade, o homem participa da arte e da sabedoria divina, torna mais bela a criação, o cosmos já ordenado pelo Pai; suscita aquelas energias sociais e comunitárias que alimentam o bem comum, a favor sobretudo dos mais necessitados. O trabalho humano, finalizado à caridade, converte-se em ocasião de contemplação, transforma-se em devota oração, em ascese vigilante e em trépida esperança do dia sem ocaso: “Nesta visão superior, o trabalho, pena e ao mesmo tempo prêmio da atividade humana, comporta uma outra relação, aquela essencialmente religiosa, que foi felizmente expressa na fórmula beneditina: *Ora et labora!* O fato religioso confere ao trabalho humano uma espiritualidade animadora e redentora. Tal parentesco entre trabalho e religião reflete a aliança misteriosa mas real que medeia entre o operar humano e o providencial de Deus”.⁹

Falar de Deus no mundo do trabalho é, portanto, doar nova vida e novo sentido aos atos de cada ser humano, purificando a atividade humana de uma conotação puramente lucrativa ou vitimista, para promover, a exemplo de Jesus em Nazaré, a dignidade do trabalho e da pessoa humana, “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26).

O Papa Francisco resume e completa muito bem este pensamento em sua recente Carta Encíclica *Laudato Si'*:

A participação na Eucaristia é especialmente importante ao domingo. Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O domingo é o dia da Ressurreição, o “primeiro dia” da nova criação, que tem as suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, este dia anuncia “o descanso eterno do homem, em Deus”. Assim, a

⁹ *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 263.

espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. O ser humano tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que deste modo se tira à obra realizada o mais importante: o seu significado. Na nossa atividade, somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples atividade. Trata-se doutra maneira de agir, que pertence à nossa essência. Assim, a ação humana é preservada não só do ativismo vazio, mas também da ganância desenfreada e da consciência que se isola buscando apenas o benefício pessoal. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, “para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente” (Ex 23, 12). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres.¹⁰

Falar de Deus no mundo do trabalho

Charles de Foucauld, místico contemporâneo, dizia, no início de 1900:

Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade. Quem me vê deve pensar: “Já que este homem é tão bom, sua religião deve ser boa”. Se me perguntarem por que sou dócil e bom, devo dizer: “Porque sou servidor de alguém muito melhor do que eu. Se vocês soubessem quão bom é meu Mestre Jesus!”¹¹

Gilson tem um pensar semelhante:

Jesus nos ensina que primeiramente temos que ser irmãos. E neste sentido eu busco harmonia no ambiente de trabalho.

Há diversas maneiras de falar e de se expressar. Não falamos somente com palavras, mas também com nosso jeito de ser, nossas atitudes e expressões. É possível falar de Deus no mundo do trabalho assumindo atitudes evangélicas, imitando o estilo de vida de Jesus em Nazaré. Em outras palavras,

10 PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*, 2015, n. 237. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 06 jul. 2015, às 11h10.

11 ETXEZARRETA ZUBIZARRETA, Ion. *Irmão Carlos de Foucauld ao encontro dos mais abandonados*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 185.

vivendo o apostolado da bondade, assim como Charles de Foucauld ensina. Honestidade, educação, respeito, dedicação, seriedade, competência, compreensão, paciência são o jeito com que o coração de Deus vive através da nossa vida.

Tudo isso se dá na relação com o próximo. Justamente, Gilson reconhece:

Eu passo 80% do meu tempo com meus funcionários, muito mais do tempo do que eu dedico à minha família.

O convívio gera relações, mais ou menos profundas, com os próprios colegas e acaba influenciando o jeito de ser e de se comportar, quase por osmose, conforme o “padrão” do ambiente em que a pessoa trabalha. Este acaba sendo um processo natural, que acontece desde os primeiros anos da vida dos seres humanos. Quantas vezes ouvimos mães se queixando do filho que, ingressando na escola, começa a falar palavrões; ou dos mil conselhos dados à filha adolescente, para não se envolver com companhias erradas, porque “quem se mistura com porco, farelo come!”. Em outras palavras, um autor anônimo dizia: “A gente se torna o que a gente contempla”.

No ambiente de trabalho a situação não é diferente. O diferencial é que a pessoa que trabalha, já adulta na idade, deveria ter adquirido também uma maturidade humana suficiente para ter um pouco mais de consciência sobre o que é bom e o que não convém. Infelizmente, em nossa sociedade, nem todos são ajudados a moldar sua consciência conforme os valores cristãos.

Se pensarmos bem, um relacionamento sadio é o princípio que acaba influenciando até o próprio andamento da empresa. Quando os funcionários trabalham insatisfeitos ou vivem num clima pesado e desagradável, também o rendimento resulta escasso e a produtividade baixa.

Agitação, transferências, greves, baixo moral, baixa confiança e baixo compromisso são meros sintomas de um problema de relacionamento. As necessidades legítimas dos empregados não estão satisfeitas.¹²

12 HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 35.

Falar de Deus no mundo do trabalho, portanto, significa viver de forma coerente a própria fé, colocando em prática os valores que o Evangelho ensina e transmitindo-os, na medida do possível, sem se calar ou se omitir por medo ou vergonha, pelas críticas ou por um cômodo conformismo. É a pequena semente lançada com paciência e perseverança que produzirá fruto na hora certa.

A construção de relacionamentos sadios proporciona a possibilidade de conhecer o outro, de “entrar em seu mundo”, de compreendê-lo e acolhê-lo. O diálogo e o encontro fazem com que as pessoas não sejam mais estranhas entre si. É o caminho da encarnação, a estrada da proximidade, que o próprio Deus abraçou, que o próprio Jesus escolheu e percorreu, que nós somos chamados a trilhar, seguindo suas pegadas.

Jesus convive, aproxima-se, torna-se proximidade. A proximidade torna-se mediação da Revelação. Revelação é amor. A proximidade suscita uma abertura nas situações mais diversas: alegria que permite sentir em si mesmo, nos outros, no mundo uma fecundidade; angústia, quando tudo vacila na existência, sofrimento de todos os nomes. [...] Aproximar-se do outro em qualquer circunstância, revela-nos o lado luminoso e escuro da vida e o contraste que existe entre os dois verbetes. É mistério do outro no itinerário de sua existência, onde as estradas se cruzam. O andamento em caminhos tortuosos escapa à nossa análise, mas afinal nos ensina o que somos realmente: limites para amar; promessa para amar, na experiência de que o Amor triunfa sempre.

Nos encontros vivenciados como os de Jesus, a proximidade enche o coração com a luz que recebemos do outro. Aproximar significa: “você tem preço aos meus olhos, você é promessa”. [...] Essa ética foi a de Jesus de Nazaré.¹³

Entrar em diálogo com o outro significa, primeiramente, ouvi-lo. Acabei de chegar ao trabalho e um colega quer me mostrar um vídeo no *facebook*: uma briga entre duas adolescentes na

13 ROY, A. *O beijo de Deus: provocação à Vida Consagrada*. Brasília: CRB Nacional, 2004. pp. 21-22.

rua. Outro fica no portão “de olho” nas mulheres que passam, antes de fixar sua atenção na máquina de serrar mármore. Uns falam do final de semana, da cerveja, das festas; outros começam a cantar em busca de ânimo para enfrentar a nova semana: “Liga pra mim, não, não liga pra ele...”.

E, ao longo do dia, se fala de dinheiro, de sexo, de comida, de clientes, da crônica da cidade etc. Eu ouço com paciência, de vez em quando dando uma “puxadinha de orelha”, quando o linguajar descamba para o exagero. Poderia perguntar-me o que estou fazendo aqui. Mas não! Sei que, atrás das aparências, todos têm um coração.

Daqui a pouco, um dos colegas abre a porta do escritório, senta-se na cadeira empoeirada e começa a contar que a esposa descobriu que não pode ter filhos e está caindo em depressão. Estávamos percebendo que, nestes últimos dias, havia algo diferente nele, que não estava bem... A. se aproxima e me mostra as fotos do filhinho, de poucos meses, e começa a falar das dificuldades que ele e a esposa tiveram quando o filho nasceu, devido a problemas de saúde. O bebê foi levado à UTI. Mas Deus não os abandonou! J., hoje, está triste porque brigou com a esposa e há três dias não se falam. R. bate na porta do escritório e me oferece um café. E. partilha da dificuldade de relação com o cunhado, dizendo que é um folgado, não quer trabalhar, só gasta dinheiro à toa... E conclui: “Deus vai puni-lo na hora certa!”. A. está me chamando, pois chegou sua esposa com as duas filhinhas de cinco e quatro anos e ele quer que eu as conheça.

Eu escuto, acolho. “Procura ficar perto da tua esposa. Está precisando de você. Mas toma cuidado para não descuidar do trabalho, não deixar que os problemas pessoais influam no teu serviço”; “Deus é maravilhoso! E olha como teu filho é bonito! Cresceu tanto, apesar dos problemas! Continua agradecendo a Deus e cuidando dele”; “Não pode ficar tanto tempo sem falar com a tua esposa. Procura conversar... pensa nas tuas filhas como devem ficar tristes vendo isso!”; “Obrigado pelo café! Que Deus te abençoe!”; Deus é misericórdia: não somos nós que julgamos, mas é ele, em seu infinito amor. Teu cunhado pode

ter errado, mas o julgamento não depende de você. Procura viver em paz com ele”; “Bom-dia, moça, como é teu nome? Quantos anos você tem? Viu onde teu pai trabalha?... São uma gracinha!”.

Quarenta e quatro horas semanais, às vezes muitas mais... infinitas ocasiões para oferecer uma palavra, um conselho, uma orientação, um sorriso, uma gentileza, um minuto de tempo...uma faísca do Amor de Deus que se encarna ainda hoje, em minhas palavras, meus gestos, minhas atitudes, assim como está presente nas palavras, nos gestos, nas atitudes dos colegas, quando lembram de sair de si, talvez só por um instante, e se tornam solidários para com o outro a seu lado.

Muitos são os momentos em que as pessoas me perguntam se eu sou freira de verdade e o que estou fazendo numa marmoraria. Estes são momentos em que posso falar de Deus, não somente pelo hábito que visto, mas, sobretudo, por falar de um Deus presente, um Deus-Amor. Querendo ou não, quem vive sua fé no ambiente de trabalho, com coerência e fidelidade, sem descontos, se torna uma presença questionadora, chama a atenção; não passa despercebido. Torna-se sinal e fala de Deus, muitas vezes, sem palavras.

As palavras, porém, também são importantes. A força do testemunho, vivida na partilha da vida e do cansaço do trabalho, muitas vezes, suscita a iniciativa dos próprios colegas, que se aproximam para esclarecer suas dúvidas de fé ou para fazer perguntas a respeito de Jesus ou da Igreja. Nestes momentos, o diálogo se torna uma pequena catequese e, através das palavras, é possível tornar Deus um pouco mais conhecido para quem, talvez, nunca o encontrou ou só ouviu falar dele de forma errada ou limitada.

Aos poucos, partindo justamente deste diálogo amical, por que não ousar uma proposta diferente: uma oração comum, no próprio ambiente de trabalho? Pode se tornar ocasião para passar do “falar de Deus” ao “falar com Deus”. No início, pode parecer um tanto estranho, ou fora do contexto, mas a graça do Espírito Santo sempre atua...

Numa empresa onde trabalhei alguns anos atrás, nos tempos forte litúrgicos, tínhamos o costume de fazer um momento de oração com os colegas na hora do almoço, uma vez por semana. Aconteceu que uma colega teve um grave acidente de carro e ficou entre a vida e a morte. Máríka, outra colega, me procurou e disse: “Você ficou sabendo do que aconteceu? Então, não vamos rezar hoje por ela?”. Todos concordaram.

É verdade que nem sempre o ambiente de trabalho é um espaço fácil ou favorável para manifestações da fé. Muitas vezes o ritmo de trabalho, a dificuldade nas relações, a necessidade de concentração, pensamentos e ideias diferentes ou outros fatores limitam a possibilidade de criar relações entre os próprios colegas ou de abrir espaços para diálogos mais profundos.

Mesmo assim, quando não for possível falar de Deus no mundo do trabalho, sempre será possível e necessário falar a Deus do mundo do trabalho. Mesmo quando as palavras não forem ouvidas, as atitudes rejeitadas ou tornadas objeto de zombaria, o coração confiante e fiel de quem não se cansa de rezar e pedir a Deus será atendido! Talvez nem sempre haja possibilidade, ocasião ou coragem de falar de Deus num mundo como o do trabalho; ou nem sempre nossas atitudes serão coerentes com a fé que professamos; ou provavelmente muitos corações estarão fechados e feridos e, portanto, não dispostos a se voltar para Deus... Nestes momentos, nossa oração será o modo mais belo de falar de Deus no mundo do trabalho, e de falar a Deus deste mesmo mundo, feito de pessoas, de seres humanos, de filhos e filhas de Deus que precisam encontrar-se com ele.

Conclusão

Queridas irmãs, Jesus, o Verbo, na Redenção, não somente sacrificou a si mesmo na cruz, mas por trinta anos não se recusou a manusear a cunha, a serra e outras ferramentas de carpinteiro, tanto que suas mãos devem ter ficado calejadas e sua testa encharcada de suor. Honrem, portanto, os cansaços do Verbo;

unam seus cansaços aos dele, para a redenção do mundo. Enquanto vocês trabalham com as mãos, seu coração e seus pensamentos se elevem e se unam a Deus. Desta forma o trabalho de vocês será santificado.

Quando ao coração humano faltar o amor por Deus, também faltará o amor para si mesmo e para o próximo. Onde não for possível falar de Deus com palavras, vocês deverão falar dele com suas ações, agindo como Evangelhos vivos, levando a Boa-Notícia com suas atitudes. Vocês entrarão nos atuais ambientes de trabalho, nas fábricas, operárias entre os operários. Serão o bom fermento que faz fermentar toda a massa. A relação e a amizade que vocês construirão com seus companheiros de trabalho será a chave para abrir as portas dos corações. Cuidem de todos, mas, sobretudo, não abandonem as mais danadinhas.¹⁴

Era o ano de 1900 e Santo Arcângelo Tadini, na época pároco de um povoado da província de Brescia – Itália, com estas simples e belas palavras tecia no coração das Irmãs Operárias as bases da espiritualidade do cotidiano.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.¹⁵

Acredito que, em qualquer tipo de ambiente de trabalho, o lugar privilegiado para falar de Deus seja a vida, o cotidiano, com seus acontecimentos importantes ou aparentemente insignificantes, os eventos alegres e as horas tristes, os momentos de raiva ou de inquietação, as ocasiões de festa na família, as tensões no ambiente de trabalho, o cansaço etc. Deus gosta de passear na vida das pessoas! “Ele,

14 Releitura livre dos escritos de Santo Arcângelo Tadini, pela autora.

15 *Gaudium et Spes*, n. 1.

o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano.”¹⁶

Em Nazaré, a dicotomia entre humano e divino desaparece. Com Jesus Cristo, o Deus-conosco, o ser humano recupera sua identidade de filho e filha de Deus. Onde existe um ser humano, este é o lugar onde se deve falar de Deus; onde se pode lembrá-lo que Deus está com ele e o ama.

É possível falar de Deus no mundo do trabalho? Sim, é possível e necessário!

Referências bibliográficas

- Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Roma, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A tarefa de submeter a terra>. Acesso em: 29 maio 2015, às 11h18.
- CONSTITUIÇÕES DO CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo atual. Roma: Paoline, 1965.
- ETXEZARRETA ZUBIZARRETA, Ion. *Irmão Carlos de Foucauld ao encontro dos mais abandonados*. São Paulo: Loyola, 1999.
- HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 06 jun. 2015, às 11h10.
- ROY, Ana. *O beijo de Deus: provocação à vida religiosa*. Brasília: CRB Nacional, 2004.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como você vive sua fé e seu testemunho cristão no seu dia a dia, nas tarefas e nas atividades cotidianas? Consegue harmonizar fé e vida em sua experiência pessoal?
2. Neste artigo, a autora apresenta o ambiente de trabalho como espaço de evangelização e vivência da fé. Já tinha pensado sobre isso?
3. Como você fala de Deus no seu ambiente de trabalho? O que se poderia acrescentar às sugestões da autora?

344

Testemunhas da ação do Espírito

Acompanhamento Espiritual
e Vida Consagrada

PADRE ALF

em consideração para levar a cabo esse serviço hoje. Na conclusão confirmamos nossa convicção da enorme importância que o AE tem para a revitalização da VR hoje.

Acompanhar o Espírito: as dinâmicas da vida espiritual

O acompanhante espiritual é um buscador do Espírito, sempre ao seu encaço, sem nunca desanimar. Sua tarefa será identificar, na experiência espiritual dos seus acompanhados, as vias do Espírito.

Domenico Sorrentino² descreve quatro importantes dinâmicas da vida espiritual que não podem escapar ao olhar atento do mestre espiritual. Comentamos estes processos, aplicando-as ao caso específico da Vida Religiosa.

Primeiro dinamismo: natureza-graça. Toda experiência espiritual é a experiência de uma pessoa humana na sua realidade concreta, aberta ao diálogo com Deus; na outra extremidade do polo é evocada a ação de Deus que intervém e interage com a pessoa consagrada, atraindo-a, iluminando-a, movendo-a, plasmando-a, habitando-a. A análise de cada experiência espiritual deve partir do vasto campo do que podemos considerar como a “natureza” da pessoa consagrada que faz a experiência de Deus.³

O chamado à Vida Religiosa se insere nesse contexto, e é essa história de Aliança que somos chamados a contemplar e testemunhar como acompanhantes espirituais.

Segundo dinamismo: Palavra/Espírito – Igreja. As intervenções de Deus na vida da pessoa consagrada exigem um atento discernimento a ser operado mediante o confronto com a Revelação e com a ajuda da comunidade eclesial. Os consagrados existem estruturalmente como membros de uma família religiosa, inseridos na Igreja, e tudo o que acontece na relação deles com Deus implica e toca sempre também a comunidade religiosa e a Igreja como tal.

O AE deverá considerar o diálogo entre Palavra e Espírito de Deus com a pessoa consagrada, considerada no contexto

2 Domenico SORRENTINO, *Esperienza di Dio. Un disegno di Teologia Spirituale*, Cittadella Editrice, Assisi, 2007, p. 118-122.

3 “Natureza” implica aqui não somente os elementos constitutivos da pessoa consagrada (elementos espirituais-corporais), mas todas as características concretas que a definem na sua individualidade e relationalidade; portanto, os dados biopsicológicos, culturais, familiares, a inserção em um determinado contexto histórico etc.

das suas relações eclesiais: aquelas mais invisíveis e íntimas, que constituem o mistério mesmo da Igreja enquanto povo habitado pela Trindade, mas também até as faces mais visíveis que a Igreja assume na sua organização e na sua vida: liturgia, hierarquia, comunidades articuladas nas suas várias expressões, da família à paróquia, famílias religiosas e até mesmo incluindo a Igreja “celeste”, experimentada na “comunhão dos santos”.

Terceiro dinamismo: história – eschaton. Aqui a experiência cristã é vista no diálogo que ela instaura com a realidade da história, através da memória do passado, a valorização do presente e o impulso rumo ao futuro. O consagrado vive em tensão entre o “já” e o “ainda não”, sempre a caminho e tendo que realizar já na sua existência concreta o que espera um dia viver em plenitude.

A dimensão da história tal como é vivida e experimentada pelo consagrado – desde o nascimento e desenvolvimento do carisma originário até sua expressão em situações históricas mutáveis – é muito importante que seja acompanhada espiritualmente.

Quarto dinamismo: dinâmica unitiva. É o coração da experiência espiritual cristã, para onde convergem as outras perspectivas. A relação dialogal com Deus-Trindade é a expressão mesma da espiritualidade cristã. A análise experiencial realizada na perspectiva desse eixo faz emergir, antes de mais nada, o rosto de Deus, assim como ele progressivamente se manifesta: “Quem me ama será amado pelo meu Pai e também eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14,21).

É o aspecto de manifestação (epifania) da experiência espiritual, objeto por excelência do AE!

Verificar como os consagrados vivem a essência da VR

A Pós-Modernidade afirma como seus elementos referenciais três notas, a saber:⁴

- a) Desejo de felicidade: como busca de prazer pessoal, sem nenhuma relação com a solidariedade e a partilha. É o

4 José Lisboa M. de OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de Pós-Modernidade: desafio para a vida consagrada*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 23.

querer ter momentos de autossatisfação, momentos prazerosos, mas sem nenhum compromisso, especialmente com os outros. Consequências: narcisismo, hedonismo, relativismo moral subjetivista, permissividade. Bom é o que me faz feliz, me dá prazer, mesmo que isso signifique morte ou miséria para as outras pessoas.⁵

- b) Individualismo: o único critério de decisão passa a ser a autorreferência, a subjetividade individual. Cai-se num subjetivismo exacerbado, que leva ao narcisismo do indivíduo demasiadamente preocupado com si mesmo, e que exalta o consumismo materialista como grande objetivo de vida.
- c) Liberdade: entendida em todos os sentidos: de escolha, de decidir, de pensar, de agir, de manifestar-se. Valor supremo, verdadeiro dom, para muitos ela se tornou desculpa para satisfazer instintos egoístas. Gera uma dificuldade de estabelecer compromissos estáveis e definitivos.⁶

O AE da VR terá que verificar até que ponto os consagrados são capazes de não sucumbir à tentação pós-moderna de uma vida egoísta e avessa a qualquer tipo de controle exterior.

Lourenço Kearns chama a atenção para os problemas que decorrem de uma compreensão errada do que seja a VR. No passado a VR era proposta como um “estado de perfeição”, e muitos continuam a sonhar com isso ainda hoje, e se angustiam por se verem cada vez mais longe da perfeição sonhada. Não poucos consagrados e consagradas, contaminados pela cultura funcionalista, consideram que o “fazer” é o que faz um religioso autêntico, e no seu envelhecimento sentem-se inúteis. O espírito de empresa transformou nossas obras hoje em estruturas a serem mantidas a qualquer custo, exaurindo todas as nossas energias nessa direção.⁷

Andrés Torres Queiruga escreve que nenhuma proposta que busque definir a VR mediante um tipo de nota que, direta ou indiretamente, implique superioridade ou excelência

5 Cf. J. B. LIBANIO, *A Vida Religiosa na crise da modernidade brasileira*. São Paulo: CRB/Loyola, 1995, p. 39.

6 José Lisboa M. de OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de Pós-Modernidade*, p. 25.

7 Lourenço KEARNS, *A Teologia da Vida Consagrada*. Aparecida: Editora Santuário, 2013, p. 19.

sobre os demais modos de vida cristã, por mais dissimulada que seja, segue um bom caminho.⁸

É preciso no AE saber identificar qual a imagem de VR que o consagrado/a tem, e considerar se é verdadeira ou deformada. Daí virá a tarefa de reconduzi-lo/a a retomar o que constitui verdadeiramente a essência da VR: o Primado do Absoluto.

Desde o momento da sua consagração, o religioso vive em Deus e por Deus. Tudo o que faz é motivado pelo desejo de amar a Deus em formas concretas de vida. Tudo na sua vida é dirigido a Deus em culto e adoração.

O AE deveria checar até que ponto vai o nosso amor por Cristo e o nosso entusiasmo pelo seu seguimento. Nós, consagrados, estamos verdadeiramente apaixonados por Deus?

Mostramos isso sendo homens e mulheres de oração e contemplação. Por meio da oração pessoal, litúrgica e comunitária, mostramos que celebramos o Sagrado.

O atual estilo geral de profissão dos três votos de castidade, pobreza e obediência não diz nada mais para o homem e a mulher dos nossos dias. É fundamental refundar a maneira de assumir e viver cotidianamente esses três compromissos. Hoje, numa sociedade que carrega a marca da pós-modernidade, é muito importante viver uma castidade que se faz alegria profunda, uma pobreza que se traduz em solidariedade e uma obediência que é expressão de profundo respeito pela dignidade da pessoa humana.⁹

A vida em comunidade é parte integrante do ser religioso. No AE é muito importante verificar como ela está sendo vivida e qual o lugar que ela ocupa na totalidade da existência do consagrado ou consagrada.

Podemos partir de uma tentativa de definição da vida comunitária:

A vida comunitária religiosa é, ou melhor, quer ser uma realização histórica da comunhão trinitária, vivida em fraternidade livre, e a serviço do homem e do mundo.

8 André TORRES QUEIRUGA, *Pelo Deus do mundo: no mundo de Deus*. Sobre a essência da vida religiosa. São Paulo: Loyola, 2003, p. 13.

9 José Lisboa M. de OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de Pós-Modernidade*, p. 40.

“Quer ser”: Está sempre em processo de realizar sua finalidade. Nunca chegará até um estado de perfeição. Sempre será imperfeita. Nesse processo, haverá momentos fortes de crescimento, mas também momentos fortes de conflitos, decepções e até infidelidades. Esse “querer ser” exige um acolhimento radical de nossas realidades humanas na comunidade e um olhar realista para o futuro, na esperança de sermos capazes de superar as dificuldades.

No AE é necessário ajudar o consagrado/a a não desanimar diante das contradições e dificuldades da vida em comum, mantendo vivo o desejo de realizar o seu ideal.¹⁰

“Uma realização histórica”: a graça acontece no presente – no aqui e agora em que estou vivendo minha vida comunitária. Há muito perigo de rejeitarmos o presente e cairmos no saudosismo e no futurismo.

O acompanhante espiritual deve estar atento quando isso acontecer, alertando o acompanhado e ajudando-o a perceber como a graça vai se encarnando na sua história de vida pessoal, comunitária, institucional, eclesial.

“Da comunhão trinitária”: a finalidade de vivermos juntos é tentar realizar entre nós o mesmo amor que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

O AE deverá estar atento para verificar o grau de crescimento no amor, na saída de si. Nosso amor como consagrados tem sido um amor superficial, sentimental, interessado, egocêntrico ou amor criativo e generoso, voltado para fora, que dá espaço para criar a vida e que deixa nosso irmão viver, crescer e desenvolver-se? Amor que incentiva o outro a viver sua consagração cada vez mais livre e alegremente?

“Vivida em fraternidade livre”: não escolhemos com quem conviver na busca de viver o Primado do Absoluto. Ninguém pode forçar a fraternidade a acontecer. Tem que haver uma opção livre e adulta acolhendo quem Deus coloca em nossa vida, para viver conosco em fraternidade.

10 Lourenço KEARNS, *A Teologia da Vida Consagrada*, p. 34-37.

Aferir no AE o grau de liberdade e aceitação que nós consagrados temos na vivência de comunidade!

“A serviço do homem e do mundo”: este último ponto é o que deveríamos perseguir na nossa vida espiritual: é o momento “para fora” da comunidade religiosa. Na tentativa de imitar o amor trinitário, a Vida Religiosa precisa sair de si para criar, para servir, para amar. Não se pode fechar em si mesma.

O acompanhante precisa estar atento a manter esse olhar aberto para fora! No AE não podemos perder de vista se nossas comunidades religiosas:

- Vivem uma *mística*: A realidade nua e crua da pós-modernidade só poderá ser enfrentada por consagrados com uma profunda experiência de Deus. “Quando falta a experiência de Deus ou o sabor evangélico, a Vida Religiosa se converte em uma farsa, que envergonha os de dentro e escandaliza os de fora.”¹¹
- São comunidades *acolhedoras*: onde os membros sejam capazes de aceitar, acolher e respeitar a totalidade dos membros de sua comunidade, seus talentos e dons, mas também suas limitações humanas.
- São comunidades *onde se vive o perdão*: uma comunidade religiosa é “um bando de imperfeitos tentando viver o perfeito”. Diante dos problemas podemos nos fechar numa atitude de condenação, reclamação crônica contra os outros, brigas, ou optar pelo perdão. O perdão é a meta da vida comunitária. É um processo, não acontece de uma vez.¹²
- São comunidades *de conversão*: continuamente revisando seu modo de viver para poder crescer na dimensão comunitária
- *Vivem a gratuidade* dos filhos de Deus = sem exigir, cobrar, mas numa atitude de abertura para receber o que Deus quiser realizar nela.
- Por seu modo de ser e de agir, a Vida Consagrada exerce este sinal de relativização de toda e qualquer realidade humana que pretenda ser absoluta: “Nós não temos aqui

11 F. M. DÍAZ, *Vida religiosa: carisma e missão profética*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21.

12 Lourenço KEARNS, *A Teologia da Vida Consagrada*, p. 41.

a nossa pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura” (Hb 13,14). Assim ela antecipa o estilo de sociedade que Deus sonha para a humanidade.¹³

O Documento “Perscrutai” e provocações do Papa Francisco à VR e consequências para o AE

O documento “Perscrutai” já nos coloca a partir do seu próprio título em atitude orante, vigilante, de discernimento.¹⁴ O AE é fundamental para a VR em busca do rosto de Deus:

“A Vida Consagrada é sinal dos bens futuros na cidade humana, em êxodo pelas veredas da história. Aceita medir-se com certezas provisórias, com situações novas, com provocações em contínuo processo, com instâncias e paixões gritadas pela humanidade contemporânea. Nessa peregrinação vigilante ela custodia a busca do rosto de Deus, vive o seguimento de Cristo, deixa-se guiar pelo Espírito ...”.¹⁵

Chamada a um discernimento constante, ininterrupto, que lhe permita trilhar sempre o caminho do bem, a VR não se pode fazer de surda ao convite do Senhor:

“Ecoa para nós o convite do Senhor: ‘Parai nos caminhos e olhai, perguntai sobre as veredas de outrora, qual é o caminho do bem, e caminhai nele, assim alcançareis paz para a vossa vida’ (Jr 6,16)”.¹⁶

Para sondar e verificar a fidelidade da VR nesta busca do Senhor, faz-se necessária a prática do AE, aberto a todas as realidades que compõem a nossa existência como consagrados:

Perscrutar os horizontes da nossa vida e do nosso tempo em constante vigília. Perscrutar na noite para reconhecer o fogo que ilumina e guia, perscrutar o céu para reconhecer os sinais anunciadores de bênçãos para nossa aridez.¹⁷

O Papa Francisco nos exorta vivamente a trilharmos decididamente os caminhos do Espírito: “Na nossa vida pessoal, na vida privada – recorda o Papa Francisco –, o Espírito nos

13 José Lisboa M. de OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de Pós-Modernidade*, p. 34.

14 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Perscrutai: aos consagrados e consagradas a caminho nos sinais de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2014. (De agora em diante: *Perscrutai*.)

15 *Perscrutai*, 5-6

16 *Perscrutai*, 6.

17. *Perscrutai*, 7.

impele a tomar um caminho mais evangélico. Não opor resistência ao Espírito Santo”.¹⁸

No AE, trata-se de acompanhar a caminhada dos consagrados neste mundo, como um verdadeiro caminho de libertação, de Páscoa, de Êxodo!

Tempo de entusiasmo e audácia de inventividade e de fidelidade criativa, mas também de certezas frágeis, de improvisações e desilusões amargas. Com o olhar reflexivo do depois, podemos reconhecer que deveras “havia um fogo dentro da nuvem” (Ex 40,38) e que “por vias desconhecidas” o Espírito de fato conduziu a vida e os projetos dos consagrados e das consagradas pelos caminhos do Reino.

Papa Francisco nos encoraja com paixão a prosseguir com passo veloz e alegre a caminhada: “Guiados pelo Espírito, nunca rígidos, nunca fechados, sempre abertos à voz de Deus que fala, que abre, que conduz, que nos convida a seguir para o verdadeiro horizonte”.¹⁹ Convida a acolher o hoje de Deus e as suas novidades, convida-nos às “surpresas de Deus” na fidelidade, sem medo nem resistências, para “ser profetas que testemunhem como Jesus é vivido nesta terra, que anunciem como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à sua profecia”.²⁰

Ressoa para nós o convite a continuar a caminhada levando no coração as expectativas do mundo. Percebemos a sua leveza e o seu peso, enquanto perscrutamos a chegada imprevisível da nuvenzinha. Germe humilde de uma Notícia que não pode ser calada [...]. O horizonte de chegada deste caminho é marcado pelo ritmo do Espírito, não é uma terra conhecida. Abrem-se diante da nossa caminhada novas fronteiras, realidades novas, outras culturas, necessidades diversas, periferias.²¹

“Quais sentinelas que mantêm vivo no mundo o desejo de Deus e o despertam no coração de tantas pessoas com sede de infinito”,²² somos convidados a ser buscadores e

18 PAPA FRANCISCO, *Lo spirito non si addomestica: meditação matutina na capela da Domus Sanctae Marthae*. Roma, 16 de abril de 2013.

19 PAPA FRANCISCO, *Homilia na Festa da Apresentação do Senhor – XVIII Jornada Mundial da Vida consagrada*, Roma, 2 de fevereiro de 2014.

20 A. SPADARO, “Svegliate il mondo”. Colloquio di Papa Francesco com i Superiori Generali, in *La Civiltà Cattolica* 165 (2014/1) 7.

21 *Perscrutai*, 49.49.

22 PAPA FRANCISCO, Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal do México em visita *ad limina apostolorum*, Roma, 19 de maio de 2014.

testemunhas de projetos de Evangelho visíveis e vitais. Papa Francisco nos convida a viver a “mística do encontro”: “A capacidade de ouvir, de escutar outras pessoas. A capacidade de procurar juntos o caminho, o método, [...] significa também não se assustar, não se apavorar com as coisas”.²³

“Vós sois como antenas prontas a colher os germes de novidade suscitados pelo Espírito Santo, e podeis ajudar a comunidade eclesial a assumir este olhar de bem e encontrar caminhos novos e corajosos para alcançar todos”.²⁴

Quais são os desafios e atualizações necessários para uma Vida Consagrada que queira viver em atitude de diálogo e de solidariedade, de profunda e autêntica “simpatia” com os homens e as mulheres de hoje e a sua cultura, o seu “ouvir” interior, a sua autoconsciência, as suas coordenadas morais?²⁵ Um atento AE deverá procurar evidenciar isso na vida dos consagrados:

As famílias religiosas nasceram para inspirar caminhos novos, oferecer percursos impensados ou responder com agilidade às necessidades humanas e do espírito. Pode acontecer que a institucionalização com o tempo fique carregada de “prescrições obsoletas” e que as exigências sociais convertam as respostas evangélicas em respostas medidas pela eficiência e pela racionalidade “de empresa”.

Pode acontecer também que a Vida Consagrada perca a respeitabilidade, a audácia carismática e a parrésia evangélica, porque é atraída por luzes estranhas à sua identidade.²⁶

O AE irá ajudar os consagrados a verificar como está sendo vivido e encarnado o carisma institucional, se ele continua sendo uma resposta válida para as novas questões do mundo atual.

Na escuta atenta ao Espírito que move a Vida Religiosa,

Somos convidados a armar ágeis tendas nas encruzilhadas das veredas não batidas, a ficar no limiar, como o profeta Elias [...]. O limiar é o lugar onde o Espírito geme: onde nós não

23 PAPA FRANCISCO, Discurso aos reitores e aos alunos dos Pontifícios Colégios e Internatos de Roma, Roma, 12 de maio de 2014.

24 PAPA FRANCISCO, Audiência aos participantes do encontro promovido pela Conferência Italiana dos Institutos Seculares, Roma, 10 de maio de 2014.

25 *Perscrutai*, p. 56.

26 *Perscrutai*, 61.

sabemos mais o que dizer, nem orientar as nossas expectativas, mas onde o Espírito conhece os desígnios de Deus (Rm 8,27) e os dá a nós. Às vezes corre-se o risco de atribuir às vias do Espírito os nossos mapas já traçados anteriormente, porque a repetição dos caminhos nos tranquiliza. A alegria do Evangelho nos pede para estabelecer uma espiritualidade como arte da busca que explora metáforas alternativas, imagens novas e cria expectativas inéditas.²⁷

No AE estaremos atentos a ajudar a VR a se manter em um diálogo constante com o mundo onde está inserida. Teremos que verificar se a “Vida Consagrada poderá acolher o desafio das perguntas que vêm dos cruzamentos dos caminhos do mundo”?²⁸

Os consagrados e consagradas no limiar são chamados a abrir “clareiras”, como há muito tempo se abriam espaço no meio das matas para fundar cidades. As consequências de tais escolhas – como sublinha o Papa Francisco – são incertas, obrigam-nos sem dúvida a uma saída do centro para as periferias, a uma redistribuição das forças nas quais não predominem a salvaguarda do *status quo* e a valorização do lucro, mas a profecia das escolhas evangélicas. “O carisma não é uma garrafa de água destilada. É preciso vivê-la com energia, relendo-o também culturalmente.”²⁹

As provocações do Papa Francisco: O Papa Francisco chama a atenção para o fato de que receber uma missão de Deus desencadeia em nós um movimento interior que tem várias facetas: “Quando o Senhor dá uma missão, faz-nos entrar sempre num processo de purificação, num processo de discernimento, num processo de obediência, num processo de oração”.³⁰

No AE precisamos saber fazer memória (memorial) de como Deus vai nos conduzindo pelas estradas da nossa vida como consagrados: “Ter o costume de pedir a graça da memória do caminho que o Povo de Deus fez. A graça da ‘memória pessoal’: o que Deus fez comigo na minha vida, como me fez caminhar?”.³¹ Verificar se continuamos

27 *Perscrutai*, 64.

28 *Perscrutai*, 65.

29 A. SPADARO, “Svegliate il mondo”. Colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali, in *La Civiltà Cattolica* 165 (2014/I), p. 8.

30 PAPA FRANCISCO, Meditação matutina na capela da *Domus Sanctae Marthae*, Roma, 13 de junho de 2014.

31 PAPA FRANCISCO, Meditação matutina na capela da *Domus Sanctae Marthae*, Roma, 15 de maio de 2014.

na VR a acreditar nas promessas e capazes de caminhar movidos pela fé: “Este é o nosso destino: caminhar na ótica das promessas, certos de que se tornarão realidade. [...] Esta é a nossa vida: crer e pôr-se a caminho como fez Abraão, que teve ‘confiança no Senhor e caminhou também nos momentos difíceis’”.³²

Papa Francisco tem insistido muito em que a VR está em “Operação saída”. Mas é preciso que seja uma saída organizada, com uma direção, um destino. Devem ser medidas as possibilidades e necessidades. É preciso calcular bem quanto combustível precisamos e intuir o local de chegada, as paradas e descansos... Senão, podemos ter surpresas desagradáveis. A operação saída exige cálculos, mas não podemos passar a vida inteira calculando.

Com a ajuda do AE, poderemos compreender quando é tempo de tomar decisões ou de ter paciência.

A saída implica vida. Decidir não sair é assumir as condições de morte. É a diferença entre o risco e a resignação, que, em tempos passados, foi um valor recomendado. Estar em operação saída fala, em primeiro lugar, de provisoriedade e urgência. A provisoriedade assumida obriga, sem dúvida, a deixarmos lugares e estilos legítimos de missão.

Não se trata de entrar em uma vã justificação de se onde estamos e o que fazemos é bom ou não; é bom! Trata-se de discernir o que, onde e com quem, para que o que encarnamos tenha vida.³³

A *Evangelii Gaudium* nos convida a verificarmos se e até que ponto:

- cremos naquilo que oferecemos? Porque a saída se faz na fé e não no êxito ou na segurança!
- Somos capazes de encarregar-nos do estado de ânimo dos irmãos? Convém tomar consciência de qual é a realidade de nossas congregações e ordens.
- Estamos dispostos a mudar o estado de ânimo?

32 PAPA FRANCISCO, Meditação matutina na capela da *Domus Sanctae Marthae*, Roma 31 de março de 2014.

33 Luís A. Gonzalo Díez, “La vida religiosa en operación salida. No nos dejemos robar la esperanza”, *Vida Religiosa* 2/2014, vol. 116, p. 11-12.

- Somos capazes de seguir em frente, sem demasiado medo ou prudência? Há um princípio conservador muito forte em nossas instituições. Este princípio só nos permite soluções aparentes. O momento atual exige pessoas dispostas à provisoriedade e a seguir em frente sem deixar-se condicionar pelo que deixaram para trás.
- Somos movidos em tudo pela esperança? A VR se sustenta na esperança da promessa, não em desfrutar do presente. Os que se põem em saída estão convencidos de que o que esperam vale a pena.³⁴

Conclusão: conduzidos pelo Espírito para servir na alegria, na pobreza, em comunidade

Na alegria: Não poderia ser de outro modo, já que Evangelho é Boa-Notícia, é comunicação da Boa-Notícia. O Papa escreve ao iniciar a *Evangelii Gaudium*: “Escrevo essa exortação para convidar-vos a uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria” (EG 1). Devemos ser capazes de viver a alegria em meio às pequenas coisas da vida cotidiana. Mais do que estratégias para um crescimento mercantil, deveríamos buscar linhas de saúde para uma vida estável, serena e feliz.

Na pobreza: O Papa não estará pedindo a nós religiosos uma volta à alegria dos consagrados, que são (somos) aqueles que deixaram tudo por uma causa maior? Descobrimos a falta de um acompanhamento pastoral aos mais pobres, a ausência de uma acolhida cordial em nossas instituições da fé em um cenário religioso plural. Essa percepção nos leva a deslocar os nossos centros de interesse, a sairmos do centro para as periferias, a redistribuir as forças não movidos pelo desejo de salvaguardar nosso patrimônio, mas que nos conduza ali onde a voz de Deus está silenciada, não esteja ou necessite de ajuda. Um estilo de obras menores e humilde, entendendo que o que nos caracteriza não é a avassaladora

34 Luís A. Gonzalo Díez, “La vida religiosa en operación salida...”, p. 13-16.

força industrial, mas sim a misteriosa intensidade do sinal; que sejamos a voz do mais fraco ou de quem não fala o nosso idioma; que saibamos acompanhar as buscas sinceras que as pessoas realizam para encontrar apoio e sentido às suas vidas (cf. EG 71).³⁵

Em comunidade: Quando segue denominando-se “comunidade” para ser, na realidade, um lugar de cuidados paliativos, um lugar de descanso, uma convivência de solteirões ou uma certa sociedade onde se partilham certos horários, podemos nos perguntar: a comunidade terá perdido o seu significado para os dias de hoje? Certamente temos que encontrar as chaves fraternas deste século XXI. O marco dos anos anteriores já não serve mais. Em tempos de profundo individualismo e ruptura com os vínculos duradouros, a essência de nosso ser comunitário se expressa pelo convencimento de que “ninguém se salva sozinho, nem como indivíduo isolado nem por suas próprias forças. Deus nos atrai, levando em conta a complexa trama de relações interpessoais que supõe a vida em uma comunidade humana” (EG 113).

Conduzidos pelo Espírito: Mais do que nunca necessitamos hoje de homens e mulheres que, a partir da sua experiência de acompanhamento, conheçam os processos onde campeia a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito (EG 171). Vivemos tempos de olhares elevados e compreensivos: tempo de globalidade e grande carisma. É o tempo do Espírito. É preciso romper com as fórmulas que sirvam para sustentar a situação vigente. Não vivemos tempos para a província nem para a história local, mas tempos para a universalidade da missão, porque o Espírito de Deus está anunciando novos céus e novas terras. A Vida Religiosa tem vocação de grande compromisso e de novidade, não se conformando com o que é provinciano e pequeno. O coração de cada religioso é universal. Esse olhar universal e aberto não significa desconexão ou desinteresse pelo concreto. Exatamente o contrário. É o reconhecimento de Deus, por seu Espírito, no compromisso do concreto.

35 Luís A. Gonzalo Díez, “La vida religiosa en operación salida...”, p. 20-26.

Nossa razão de ser é servir e mover ao Povo de Deus. Voltar àquela liberdade de nosso nascimento, soltar as amarras que a História foi nos deixando, eis o que nos espera. O AE ajudará a VR nas suas diversas formas a colocar-se sempre à escuta do Espírito, como fazia Santo Inácio de Loyola, no testemunho de Jerônimo Nadal: “Seguia o Espírito e não se adiantava a ele. Deste modo ia sendo suavemente conduzido aonde não sabia”.³⁶

36 Jerônimo NADAL, *Monumenta Historicae Societatis Iesu, Monumenta originum V*, p. 625.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).